

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANGELITA DE PAULA

**A REPRESENTAÇÃO A RESPEITO DO MOVIMENTO DO CONTESTADO EM
ROMANCES HISTÓRICOS**

**CURITIBA
2012**

ANGELITA DE PAULA

**A REPRESENTAÇÃO A RESPEITO DO MOVIMENTO DO CONTESTADO EM
ROMANCES HISTÓRICOS**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do curso de História – Licenciatura e Bacharelado, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Arte da Universidade Federal do Paraná

Orientadora: Profa. Dra. Roseli Terezinha Boschilia

**CURITIBA
2012**

Dedico esta monografia ao meu pai e minha mãe, a família que Deus me deu, com laços de sangue.

E aqueles que são a família que Deus escolheu com tanto carinho pra colocar na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, sem o qual nada que aconteceu nesses últimos 4 anos e meio seria possível. Sempre estando lá pra me ouvir dizer “Vai Papai do Céu, toca daí que eu não consigo mais daqui.”

Agradecer a minha mãe e meu pai, que sempre me apoiaram em todas as minhas decisões, e sempre me incentivaram a ir atrás do que me deixa feliz. Só nós três sabemos o que passamos durante esse tempo, e todas as dificuldades que encontramos. Mãe, obrigada por sempre me esperar na rodoviária, por passar noites em claro fazendo pão de mel pra vender, por me ligar todo santo dia, por me entender, e por cada lágrima que você deixava rolar quando me dava tchau, mas principalmente por em nenhum momento desistir de mim e tentar me impedir de voltar. Pai, obrigada pelas vezes que você cuidou de mim desde quando eu era pequena, pelas tantas e tantas gramas cortadas, pela sua preocupação, mesmo nem conhecendo minha casa até hoje, mas principalmente pelas nossas briguinhas, e cada vez que me olhou e falou “to triste que amanhã a *fia* já vai embora.”

A minha segunda mãe, que cuida tanto de mim. Tia Ivone, eu não consigo nem escrever o que eu sinto por você. Acho que o mais importante é saber que eu te visito porque eu sinto sua falta. Te amo. Tia, Geraldo, Willian, vocês são minha família aqui, e que eu amo sem nenhuma distinção.

A minha orientadora, professora Roseli. Obrigada pelas conversas, por ter sido sempre honesta, por ter me acolhido e me ajudar a encontrar minhas fontes. Obrigada pela paciência, por me orientar mesmo não estando por perto. Seria impossível essa monografia sem você.

Aos meus irmãos que eu não tive,mas a vida me trouxe. Irmãos do Cefetão, obrigada por estarem ao meu lado e me apoiarem tanto na decisão louca de fazer dois cursos. Ewe e Amandinha, minhas irmãs que eu amo tanto. Estou esperando

por Vegas com vocês! Thi, pela sempre preocupação. Dylon, por ser sempre *coraçãããã*. Vocês são donos de um pedaço grande da minha vida.

Aos irmãos da reitoria. Vocês me ensinaram que há mais a se aprender na faculdade que dentro das paredes de uma sala. Jacque, valeu pelo Alemão. Anne, valeu pelos Empórios. Gaúcho, valeu por ter sempre um abraço gostoso. Camila lôra, valeu por ser fofa, pela visita e pelos VU's. Bru, valeu pelas tardes na cantina. Rafa, valeu pelos dias de Comissão que legitimaram nossa amizade de hoje. Báh e Flora, sempre seremos um trio resistência. Vane, valeu pelos parque de domingo. A todos aqueles que em algum momento me fizeram a pessoa mais feliz – Thiago, Luan, Nicolle, Fran, Flávia, vocês são demais. Mas em especial a Érica, por tantas e tantas fofocas, e momentos de apoio, e ao Davi, por ser sempre as melhores visitas inesperadas.

Ao irmão mais irmão que tenho, Felipe. Obrigada pelas esfihas, pelos churrascos, por vir do Cabral trazer remédio pra mim, mas principalmente por ser um House e me deixar ser um Wilson. Eu te amo.

Aos irmãos da vida. Kelly, obrigada por me trazer minhas fontes. Bide, obrigada por sempre ir me dar um abraço. U, obrigada por ser meu amor. Rapha, obrigada por emprestar livros pra mim, e ser sempre o melhor das fofocas. Vic, André, Faf, obrigada pelas noites e noites de diversão.

A irmã mais parceira que eu podia achar. Obrigada Ellen, por ser revisora, *brother* de crime, adolescente comigo, e por pedir pra Santa Clara por mim. Eu lutaria no gel por você, amiga.

Obrigada a todos que passaram por mim durante esses 4 anos. Vocês deixaram alguma coisa em mim que foi linda, e me ajudou a chegar até aqui.

A todos, o meu Muito Obrigada!

“Numa guerra não se matam milhares de pessoas. Mata-se alguém que ama espagete, outro que é gay, outro que tem namorada.

Uma acumulação de pequenas memórias...”

Christian Boltanski

RESUMO

O movimento do Contestado foi uma das mais importantes revoltas sociais brasileiras. Ocorrido durante os anos de 1912 e 1916, este fenômeno social recebeu este nome por ter ocorrido numa região do interior catarinense disputada pelos estados de Santa Catarina e Paraná. Identifica-se como um conflito entre caboclos residentes naquela região e as forças do exército nacional. E ainda hoje, 100 anos após o conflito, são cada vez mais recorrentes os estudos a respeito do movimento.

Sendo assim, a presente pesquisa tem por objetivo refletir a respeito da representação do movimento do Contestado nos romances históricos construídos a seu respeito. Para tanto, foram usados como fontes três livros: *Casa Verde*(1962), de Noel Nascimento; *Geração do Deserto*(1964), de Guido Wilmar Sassi e *O dragão vermelho*(1998), de A. Sanford de Vasconcellos. Para a análise, usamos como referencial teórico-metodológico o conceito de representação de Chartier, que propõe a representação enquanto a intermediação entre o observador e um objeto inexistente. A escolha de tal objeto para a pesquisa se deu pela escassez de estudos dentro do campo da História tendo como fonte os romances históricos, que existem em grande número.

Pretende-se assim buscar as semelhanças e diferenças existentes entre as obras estudadas, assim como a influência do meio em que os autores estavam inseridos quanto da escrita em suas obras.

Dessa maneira, esse trabalho buscou a reflexão sobre as representações do movimento do Contestado, procurando uma visão diferenciada sobre os personagens do conflito.

Palavras-chave: *Contestado; romances; representação*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
1 HISTÓRIA DO CONTESTADO	7
1.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	14
1.1.1 “No calor da hora...” – relatos do tempo presente	14
1.1.2 Anos 50/60/70 – por uma visão sociológica	16
1.1.3 Anos 90/2000 – o movimento entra na história	21
2 DE CABOCLOS INJUSTIÇADOS A ÓRFÃOS DO MONGE JOSÉ MARIA – O PRIMEIRO MOMENTO DO MOVIMENTO	28
2.1 NARRATIVAS SOBRE OS ANTECEDENTES E CAUSAS DO CONFLITO	28
2.1.1 República x Monarquia	28
2.1.2 O papel da Igreja	30
2.2 NARRATIVAS A RESPEITO DO MONGE JOSÉ MARIA	32
2.3 NARRATIVAS SOBRE O POVO	35
2.4 NARRATIVAS SOBRE OS CONFLITOS	38
3 DE FANÁTICOS A JAGUNÇOS – O SEGUNDO MOMENTO DO CONTESTADO	43
3.1 NARRATIVAS SOBRE A REUNIÃO NO TAQUARUÇU – MOTIVOS E FORMAÇÃO	43
3.2 NARRATIVAS DOS PRIMEIROS LÍDERES RELIGIOSOS – A VIRGEM TEODORA, O MENINO-DEUS MANOEL E O MENINO VIRGEM JOAQUIM	45
3.3 NARRATIVAS DAS BATALHAS E DO COTIDIANO DE COMBATE	49
3.4 NARRATIVAS DA VIRGEM MARIA ROSA	52
3.5 NARRATIVAS DA FASE “JAGUNÇA” E A LIDERANÇA DE ADEODATO	55
3.6 NARRATIVAS DO FIM DA GUERRA E A “VITÓRIA” DO EXÉRCITO	58
3.7 NARRATIVAS SOBRE AS MEMÓRIAS DO CONTESTADO	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65

INTRODUÇÃO

O movimento do Contestado foi uma das mais importantes revoltas sociais brasileiras. Ocorrido durante os anos de 1912 e 1916, este fenômeno social recebeu este nome por ter ocorrido numa região do interior catarinense disputada pelos estados de Santa Catarina e Paraná. Consolidou-se como um conflito entre os caboclos residentes daquela região no início do século XX e as forças do exército nacional, aonde o governo saiu vitorioso, perante redutos de caboclos que não tinham condições de lutar.

Foco de diversos estudos, nas mais diferentes áreas, o movimento levanta ainda hoje questões que aos poucos foram respondidas, apoiadas nas mais diferentes fontes históricas. Os primeiros trabalhos realizados foram feitos por autores militares e eram textos repletos das emoções ainda restantes do movimento. O grande ápice dos estudos foi entre as décadas de 1950 e 1970, com o grande interesse da Sociologia a respeito dos movimentos sociais, incluindo então o Contestado. Mais atualmente, a História vem apresentando cada vez mais a importância dada ao movimento.

É então dentre estes estudos que esta pesquisa se inclui. O objetivo principal deste trabalho é analisar e compreender como são feitas as representações a respeito do movimento do Contestado nos romances históricos. Para tanto, usamos como fontes três livros de autores e épocas diferentes. O primeiro deles, cronologicamente, é *Casa Verde*, do autor paranaense Noel Nascimento. Este livro, com a primeira edição publicada em 1962, retrata a história do movimento do Contestado dando ênfase ao primeiro monge, João Maria. Além desta, ainda foram realizadas mais três edições, em 1981, 1985 e 2001. O segundo romance aqui utilizado é *Geração do Deserto*, do escritor catarinense Guido Wilmar Sassi. Publicado em 1964, este é um dos mais importantes romances a respeito do Contestado, tendo sido inclusive transformado no filme *Guerra dos Pelados*, do diretor Silvio Bach, no ano de 1971. E por fim utilizamos como terceira fonte o livro de *O dragão vermelho do Contestado*, do catarinense Aulo Sanford de Vasconcellos, publicado no ano de 1998, e mais recentemente re-editado em 2008.

A partir da análise destas fontes, nossa problemática busca discutir em que medida existem aproximações ou diferenças entre os romances selecionados para este estudo no que tange as representações sobre o movimento de seus personagens, apesar dos diferentes momentos em que foram escritos. Além disso, a interferência da origem dos escritores na criação dos romances e na forma como alguns personagens são representados, fazendo a ponte entre a história e a literatura.

A aproximação entre os distintos campos acontece principalmente a partir da Nova História Cultural. Essa corrente historiográfica Este momento na historiografia propõe um estudo das sociedades a partir de suas construções e pretende “enxergar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO: 2004). Essa nova maneira de pensar a história busca, assim, explicar e entender as sociedades através das representações construídas por elas mesmas. E a literatura se insere aqui como sendo uma fonte de conhecimento fundamentalmente no que diz respeito a tais objetivos da Nova História.

A literatura pode, e deve, ser considerada como fonte para a História não somente por si própria, mas a medida em que está inserida no tempo. Para a compreensão da mesma, é necessário entender que estão presentes na literatura duas historicidades distintas. A primeira, que aborda o que está sendo narrado (principalmente quando se trata dos romances históricos). A segunda, por sua vez, trata do contexto em que a obra está inserida, e só assim pode ser fielmente encarada enquanto fonte histórica, visto que há uma grande carga de intencionalidade imposta em cada obra literária. A literatura, ainda, possui notável importância enquanto fonte histórica, pois, de acordo com SEVCHENKO (1985:20 apud ZEHLINSKI, 2006:3) é uma área pela qual os inconformados e os desajustados desafiam a sociedade, podendo se observar então um lugar do excluído.

Neste trabalho, pretende-se abordar a literatura enquanto fonte a partir do conceito de representação, definido por Roger Chartier. Neste ponto de vista, a literatura, enquanto fonte histórica, não deve ser encarada como verdade. A partir do conceito de Chartier, encaramos a literatura como fonte de representação do mundo que ele narra e do mundo aonde a narrativa é composta. De acordo com o autor, podemos entender este conceito de representação enquanto um instrumento mediador

entre o observador e o objeto que ali não está, através de uma imagem que o substitui, reconstituindo-o (CHARTIER, 1990). A representação pode ser encarada aqui como compreensão do conhecimento de uma sociedade, ou seja, as formas pelas quais os grupos dão sentido ao seu mundo (ZECHLINSKI, 2006:6-7).

Para Chartier, a compreensão através da representação se dá através de três modalidades. A primeira se dá pelas formas como a realidade é construída a partir de trabalhos de configuração. A segunda se compõe pela identidade social construída através das práticas sociais, e a terceira pelas formas institucionalizadas existentes se compõe enquanto marcas de um grupo. É a partir deste esquema que o autor entende como se dá as articulações que forma os pensamentos de uma sociedade. E assim que podemos buscar a representação nos romances históricos enquanto fontes.

A partir deste quadro teórico, a metodologia utilizada para a compreensão das fontes constituiu-se basicamente de comparações entre as obras. Tal processo se deu em etapas definidas. O primeiro passo foi a realização da leitura das fontes. Em seguida elaborou-se resumo e fichamento de cada obra separadamente. Após, o próximo passo foi o método principal – a criação de um quadro comparativo. Neste, foram elencados tópicos principais para a descrição das fontes, e colocadas as fontes lado a lado, preenchendo a tabela de modo a ficarem visíveis juntas as informações referentes ao mesmo tema em cada uma das obras. Os tópicos escolhidos dizem respeito a aspectos que foram percebidos serem em comum ao longo da leitura das fontes, e também alguns que figuram em apenas uma das fontes, mas que são importantes para tal e para se pensar a não existência do mesmo nos outros livros. Os assuntos então podem ser separados no que diz respeito a obra (título, autor, quantidade de capítulos, divisão do livro, epígrafe/dedicatória/início, sobre o autor, aspecto principal do livro, linguagem do autor, visão do autor), o monge João Maria (visão a respeito do monge, características, o porque da crença, santidade do monge), povo (personagens secundários, características, Pares de França, maneira de se referir ao povo, economia, índios, Manuel Alves da Rocha de Assumpção, Elias de Moraes, Jerome, Adeodato, Saturnino, capitão Matos Costa, Praxedes,), o conflito (Estado das Nações, república x monarquia, Taquaruçu, simbolismo, visões oficiais, batalhas, trem e estrada de ferro, questão de limites, referência a Canudos, Igreja, fé, Caraguatá, final),

o monge José Maria (visão a respeito do monge, características, origem do monge, previsões do monge) e virgens (quem são, Manuel, Maria Rosa, Ana, Joaquim, Teodora/Dorinha). Tal procedimento foi necessário para a compreensão de que forma as representações, principalmente das figuras dos virgens, se dá na escrita de cada obra. Além disso, a busca pelas informações referentes ao autor e a obra como um todo permitiu perceber a influência da origem dos autores em suas visões a respeito do movimento.

Após a montagem deste quadro geral, os principais temas analisados durante a execução da monografia foram coloridos com cores diferentes entre os temas, possibilitando assim o melhor entendimento da opinião do autor ao tratar destes determinados assuntos e mais uma vez fazer as devidas comparações. O passo seguinte se deu com a separação dos tópicos para a análise, a fim de estruturar os capítulos da monografia a ser produzida.

Dessa maneira, a estruturação dos capítulos corresponde ao seguinte esquema: o primeiro capítulo é resultado das pesquisas realizadas a respeito da própria história do movimento do Contestado e uma revisão historiográfica a respeito do tema; no segundo capítulo analisamos as representações a respeito dos antecedentes do conflito, bem como as causas que levaram à revolta; por fim, no terceiro capítulo nos preocupamos com a análise do segundo momento do movimento, que se estende da reunião do povo na região de Taquaruçu um ano após a morte do monge José Maria até o derradeiro ataque do exército aos caboclos.

1 HISTÓRIA DO CONTESTADO

A definição de limites entre os estados do Paraná e Santa Catarina foi uma questão que se arrastou por mais de meio século e teve desdobramentos políticos e sociais relevantes. Desde meados do século XIX, as linhas divisórias entre as duas províncias eram constantemente contestadas.

Em 1853, quando houve o desmembramento das terras paranaenses da província de São Paulo e a conseqüente criação da província do Paraná, a questão passou a ser nacional. O conflito territorial passou a ser entre a província recém-criada e a província de Santa Catarina, em disputa pelos territórios onde hoje estão às cidades de Curitiba, Campos Novos, Lages, Porto União, União da Vitória, Rio Negro e Palmas. Cada província desejava que as linhas limítrofes em um lugar diferente, como coloca Thomé(1992:62),

(...), o Paraná pleiteava as terras da margem direita dos rios Marombas e Canoas, desde a região de Canoinhas ao Norte, até o Rio Uruguai ao Sul, incluindo Curitiba e Campos Novos. E Santa Catarina não deixava por menos, pleiteando as terras das margens esquerda dos rios Negro e Iguaçu, nelas incluindo os campos de Palmas e todo atual Sudeste do Paraná, até a Foz do Rio Santo Antônio no Iguaçu. Discutiam-se também as linhas divisórias na região das colônias Dona Francisca e São Bento, do Litoral até o Rio Negro.

As disputas se intensificaram após a proclamação da República. Este impasse se deu principalmente por que essa “região deixava de ser um sertão inóspito e se transformava numa frente de ocupação de fazendas e lavouras” (MACHADO, 2001: 111).

Em 1904, o STF delimitou as províncias pelos rios Negro e Iguaçu, o que favoreceu o estado de Santa Catarina. O Paraná, rejeitando tal decisão, fez uso dos territórios que julgava paranaenses, e tentou, na justiça, ter o ganho de tais terras. Diversas ações e julgamentos foram realizados até o ano de 1916, quando os dois estados perceberam que a querela somente se resolveria com cada um deles cedendo um pouco para o outro. Apesar de o acordo ter se dado no ano anterior, em 1917 foi assinado o Acordo de Limites que configurou os estados tais como os conhecemos hoje. (THOMÉ, 1992: 67).

O conflito territorial, entretanto, não foi o único fenômeno que atingiu a população que habitava a região. O projeto de construção da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande do Sul, que atravessa aquele território, também contribuiu para a desestabilização econômica da população constituída por caboclos, pequenos fazendeiros, assim como grandes latifundiários.

Para a construção desta ferrovia, o empreendedor Percival Farquhar veio ao Brasil e em 1905 fundou a *Brazil Railway Company*, empresa que passou a controlar a Companhia Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande. Juntamente com as terras cedidas para a construção da ferrovia, o governo também cedeu a Companhia uma faixa de terras de aproximadamente 15 km de cada lado dos trilhos para a exploração da madeira. Farquhar também organizou a *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*, a fim de colonizar e explorar as terras em volta de toda a estrada de ferro. Sua sede foi instalada na cidade de Três Barras, onde em uma área de 180 mil hectares de terras passou a existir o “maior complexo industrial de exploração madeireira da América do Sul, nunca igualado em toda a história” (THOMÉ, 1992: 57). As duas empresas de origem norte-americana trouxeram além de aparente desenvolvimento para a região, alguns problemas de ordem social.

Por um lado, para a construção da estrada de ferro, vieram para o oeste catarinense alguns milhares de trabalhadores de todas as regiões do Brasil. Com a finalização da ferrovia, grande parte destes permaneceu nestas terras. Por outro lado, a Lumber, quando recebeu autorização para a exploração das terras ao redor dos trilhos, expulsou caboclos e ex-trabalhadores da Companhia que haviam se estabelecido nesta região. Dessa maneira, milhares de famílias ficaram desamparadas e sem suas terras.

Neste cenário, apareceu no fim do século XIX na região um monge, chamado João Maria que, peregrinando pelas terras, atraiu os sertanejos a sua volta e recebeu fama de milagreiro. Depois de certo tempo naquelas terras este monge desapareceu sem deixar notícias. Por volta do ano de 1912, outro monge apareceu no interior paranaense e causou novamente a comoção dos populares. O segundo monge José Maria se dizia irmão do monge de outrora, e acabou reavivando a fé daqueles que acreditavam em São João Maria. O seu passado era nebuloso, de acordo com Machado (2001: 167). Para alguns era um charlatão. A opinião majoritária, no entanto,

era que José Maria, cujo nome verdadeiro era Miguel Lucena de Boaventura, foi um curandeiro que receitava ervas e plantas para a cura das mais diversas moléstias. Por estas atitudes, e por seu carisma cada vez maior entre o povo do planalto, logo este personagem reuniu à sua volta uma grande quantidade de adeptos.

O aparecimento do monge José Maria, assim como a questão de limites, a construção da estrada de ferro, o estabelecimento da *Brazil Railway*, a exploração por parte da Lumber e o grande número de caboclos que ficaram desamparados forneceram o palco ideal para a revolta do Contestado, um dos grandes movimentos messiânicos que aconteceram no século XX no Brasil.

Campanha do Contestado, revolta do Contestado, movimento messiânico, guerra do Contestado. São diversos os nomes que recebeu este importante conflito social que ocorreu entre os anos de 1912 e 1916 entre as regiões sul do Paraná e Oeste de Santa Catarina, assim como nos propõe Thomé (1999: 13)

Para religiosos, ocorreu uma 'Guerra de Fanáticos'; para sociólogos, houve um 'Movimento Messiânico'; para políticos, aconteceu uma 'Questão de Limites'; para militares, tratou-se de uma 'Campanha Militar'; para marxistas, foi uma 'Luta pela Terra'.

Entretanto, mais importante para este trabalho do que definir qual seria o termo adequado, é fazermos uma breve explanação sobre o que foi a revolta do Contestado. Como já dito acima, a situação que esta região do Brasil se encontrava serviu de palco para os conflitos que se deflagraram a seguir.

Com a construção da estrada de ferro e a exploração das terras concedidas pelo governo à Lumber, os sertanejos que viviam neste território foram expulsos de suas casas e perderam as poucas propriedades que tinham. Juntos aos trabalhadores que, com o final do seu trabalho na ferrovia, ficaram também nestas terras, esta população encontrava-se sem posses e desamparada de um governo que os ajudasse. Dois fatores podem ser apontados como razões para a ausência de uma representação governante neste território.

Primeiramente, com a disputa aparentemente infundável entre os estados de Santa Catarina e do Paraná, este território permanecia sem um único governo. O poder nacional desinteressou-se pelo local, não querendo interferir em uma disputa estadual.

Já os estados, por sua vez, alternavam o comando na região, o que acabava por reforçar a indefinição política. Um segundo fator foi a apropriação cada vez maior das terras destinadas a exploração por grandes fazendeiros e coronéis. E são estes que fizeram às vezes de governo no território contestado. Este fato gerou no sertão paranaense e catarinense, a exemplo do que já acontecia em outras regiões brasileiras, relações de compadrio, paternalismo e coronelismo que representavam o controle vigente nestes locais. Os coronéis se preocupavam com o poder privado, enquanto de acordo com Monteiro (1974:35) as oligarquias exerciam o poder na esfera pública.

A partir desse panorama, podemos perceber que a população daquela região se encontrava sem um governo que os ajudasse, muitos caboclos sem casas e outras propriedades, e isso fez suscitar neles um sentimento cada vez maior de revolta contra a República, que representava tanto o descuido com o governo, como o progresso chegando, através da estrada de ferro e contra os grandes fazendeiros. Aliado a isso, o ano de 1911 “é um ano em que a taquara deixa de florir e não dá semente e que as ratazanas do mato, famintas, invadem em bandos os paióis, as roças e as casas, roendo e destruindo tudo que pode substituir seu alimento costumeiro” (VINHAS DE QUEIROZ, 1981: 72). E justamente neste ano é que apareceu naquelas terras o monge José Maria.

Logo que o monge ali chegou, os sertanejos o receberam esperançosos. Primeiramente, reconheceram nele a volta prometida de São João Maria, que os deixara com essa promessa. Apesar de sabidamente serem duas pessoas diferentes, “os sertanejos não faziam muita distinção entre a figura de um ou outro. A adesão sustentava-se nas mensagens religiosas e ervas que os monges receitavam” (TONON, 2008: 27). Assim, o monge obteve um prestígio que ficou fortemente declarado quando, em Agosto de 1912, foi convidado para deixar a localidade que estava, em Campos Novos, para ir a Festa do Bom Jesus, em Taquaruçu. O convite foi feito por Praxedes Gomes Damasceno, Francisco Paes de Farias, Manoel Alves de Assumpção Rocha e Eusébio Ferreira dos Santos, todos líderes de comunidades da região (MACHADO, 2001: 71).

Com o fim da festa, no entanto, as pessoas que ali se reuniram não regressaram a suas casas e continuaram a volta do monge. Essa aglomeração despertou a atenção

dos comandantes locais, principalmente do Cel. Albuquerque que chamou o monge para uma decisiva conversa. José Maria recusou o pedido do coronel, gerando um grande desconforto entre o monge e aqueles que estavam reunidos a sua volta e as autoridades locais. Com isso, a iniciativa do monge foi a de deixar a região onde estava. Assim partiu para a localidade de Irani, perto de Palmas, no estado do Paraná. Com ele, seguiram cerca de 40 pessoas, entre homens e mulheres.

A tensão que se desenrolou a partir daquele momento estava ligada principalmente ao conflito territorial que vigorava naquela região. A ida de um grupo de supostos catarinenses guiados pelo monge para as terras paranaenses foi encarado como uma ameaça. Aquela pequena horda que acompanhava o monge em si não representava o perigo; o fato era que este deslocamento simbolizava a invasão catarinense às terras que o Paraná só detinha por *uti- possidetis*. Ter um grupo de Santa Catarina ali significava a perda de um pedaço de terra que os paranaenses pretendiam manter sob seu domínio (CABRAL, 1960: 205). Este fato ligado ao descontentamento gerado ao Cel. Albuquerque pelo monge fez com que o Cel. João Gualberto decidisse pelo ataque a José Maria e aos fiéis de Irani que já estavam a sua volta.

Os fiéis, por sua vez, não queriam lutar e até pediram prazo para dispersar-se, em paz (VINHAS DE QUEIROZ, 1981: 99). Entretanto, frente ao pelotão de aproximadamente 400 homens chefiados por Cel. João Gualberto, os sertanejos nada puderam fazer a não ser tentar enfrentá-los. Foram recebidos por cerca de 200 sertanejos que, com facões e espadas feitas de pau, tentaram combater o regimento oficial. Além de vários mortos dos dois lados, o principal resultado deste combate foi a morte dos dois chefes: o monge José Maria e o Cel. João Gualberto. Apesar da morte do monge, apenas a crença dos fiéis continuou viva. Enterraram-no em cova praticamente aberta, pois acreditavam na sua ressurreição e nas promessas que fizera ainda em vida. Uma vez feito isso, os fiéis se dispersaram e voltaram as suas casas.

Exatamente após um ano do acontecimento, Eusébio Ferreira dos Santos, um dos chefes locais que convidou o monge ao Taquaruçu, anunciou que uma de suas netas, Teodora, havia tido visões onde o monge aparecera para ela pedindo que o povo

se reunisse novamente para lutar. A partir daquele momento, a revolta passou a ser uma luta de fanáticos pela memória do monge e pela monarquia.

Após a visão de Teodora, esta passou a ser considerada uma virgem inspirada pelo monge; à sua volta, o reduto de Taquaruçu começou a se reorganizar. Entretanto, o comando espiritual de Teodora foi curto, e logo passou ao filho de Eusébio, o menino virgem Manoel. O virgem garantiu ao povo que havia encontrado o monge e este o indicara como seu sucessor. Seu prestígio, entretanto durou pouco tempo; mesmo assim, no período em que esteve no comando, foi chefe espiritual, civil e das armas do reduto. As vésperas do primeiro ataque, porém foi retirado do cargo quando sugeriu que o monge o havia encarregado de dormir com duas virgens, e os caboclos repudiaram essa tentativa. Foi então substituído por outro menino iluminado, Joaquim (VINHAS DE QUEIROZ, 1981: 122).

Com Joaquim no comando houve o primeiro ataque pelo governo de Santa Catarina ao reduto, no qual os fanáticos saíram vencedores. Após este combate o reduto passou a receber cada vez mais pessoas e a se organizar. O líder continuava sendo o menino Joaquim, que repassava suas ordens a um conselho administrativo composto pelos chamados doze pares de França. Havia também um grupo de combatentes, que se preparava para outros combates. Todos os dias era realizado o quadro santo, formado da seguinte maneira, de acordo com Pereira de Queiroz (1957): em um quadrado com uma cruz em cada canto, onde ficava o reduto, as pessoas se reuniam estando os homens sem armas de um lado, as mulheres de outro, o comandante à frente, com os homens de armas, e no lado oposto os pares de França. Neste momento, davam vivas a São João Maria, a José Maria, a São Sebastião e à monarquia.

Animados pela vitória, grande parte dos fanáticos partiu para a fundação de um segundo reduto, em Caraguatá. Dias após, Taquaruçu foi novamente atacado pelas forças do governo e desta vez foi dizimado quase por completo, em um grande massacre. Os sobreviventes se dirigiram a Caraguatá. Lá também a organização se modificou e não era mais Joaquim o comandante, e sim Maria Rosa, a virgem que no momento estava recebendo instruções do monge. Ali predominava ainda o igualitarismo, onde tudo era repartido entre todos. O primeiro ataque ao Caraguatá

aconteceu em 1914, e os caboclos novamente saíram com êxito. Mais uma vez a alegria com a vitória fez com que migrassem e se estabelecessem dessa vez em Bom Sossego.

Foi neste novo reduto que receberam a visita do capitão Matos Costa, o qual por sua vez “percebeu a injustiça que sofriam os caboclos e ficou indignado” (VINHAS DE QUEIROZ, 1981:162). Foi ele o militar que tentou através de acordos estabelecer a paz com os fanáticos. Entretanto, neste momento, a guerra já tinha outros objetivos e o que era considerada uma guerra santa no início, neste momento já passava a transformar-se em uma batalha sem sentido. Maria Rosa perdeu seu posto de comandante e o posto de chefe foi tomado por diversas pessoas, comandantes de batalhas, até que Adeodato assumiu o posto.

Adeodato era um capataz que acompanhou durante um tempo o movimento do Contestado, apenas de longe. Logo conquistou a confiança dos combatentes e foi convidado a ser o comandante. Só aceitou a missão após um sonho com o monge, no qual lhe falou que deveria aceitar o cargo (VINHAS DE QUEIROZ, 1981: 205). Neste momento, os redutos eram vários, sendo o reduto mor em Santa Maria. Por parte do exército, assumira o comando o general Setembrino de Carvalho que, uma vez no comando, tratou de concentrar suas forças para a derrota dos jagunços.

A vitória das forças militares se deu primeiramente pela derrubada dos redutos menores, até a chegada à Santa Maria. O extermínio neste reduto foi geral, e os poucos sobreviventes passaram ao reduto menor ainda existente de São Miguel e Pedras Brancas, onde se deu o derradeiro fim da revolta do Contestado. Assim em 1916 se encerra oficialmente a revolta, com a morte do comandante Adeodato, e a vitória do exército.

De acordo com a historiografia, no entanto, não foi o exército que venceu os fanáticos. No auge do dos confrontos, os jagunços contavam com uma ocupação de um território de aproximadamente 28 mil km² e cerca de 20 000 pessoas. De acordo com Vinhas de Queiroz (1981:177), até o fim cerca de 6 000 pessoas haviam morrido. E estas se deram principalmente pela fome que pairou sobre os redutos perto do fim do movimento e pelas doenças como o tifo que invadiram os territórios, devida as más condições de vida a que estavam submetidos. Além disso, sob o comando de

Adeodato, o terror interno foi instalado e muitos jagunços morreram degolados dentro dos próprios redutos. Assim, quando as forças de Setembrino de Carvalho chegaram aos redutos, as poucas populações que ali se encontravam estavam doentes e morrendo de fome, facilitando o massacre final.

1.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O movimento do contestado, até aqui apresentado de forma brevíssima, foi, principalmente a partir da década de 50, amplamente estudado pelas mais diversas áreas do conhecimento, sendo primeiramente contemplado pela área da Sociologia, seguido do Jornalismo, Literatura e mais recentemente, enfim, estudado pela História. Esses diversos estudos, entretanto, guardam entre si diferenças que se referem quanto ao entendimento e compreensão do movimento; divergências essas que tem sua parcela de origem nas fontes utilizadas pelos diversos estudiosos.

1.1.1 “No calor da hora...” – relatos do tempo presente

Os primeiros trabalhos realizados sobre o movimento do Contestado podem ser considerados como relatos de uma história do tempo presente. São obras realizadas por militares e que foram construídos durante a própria revolta, ou logo após, tendo como fonte os depoimentos dos combatentes do exército que lutaram contra os caboclos. O primeiro deles foi o relatório do General Setembrino de Carvalho, datado de 1916, intitulado *Relatório apresentado ao General de Divisão José Caetano de Faria, ministro de Guerra*. (ESPIG, 2007:201). Neste o general Setembrino expôs as condições em que se deram os combates e a situação que envolvia os sertanejos e a ferrovia juntamente com a construção da trilha de ferro. Este relato era parte de seu serviço enquanto comandante, e tinha por função básica apenas anunciar as circunstâncias acima. A quantidade de informações que se pode obter a partir do relato mostra que o comandante extrapola sua função mínima que é o informar, para se tornar uma grande referência no que se trata de conteúdo construído de dentro do próprio movimento. Sua obra, no entanto, é encarada por grande parte dos pesquisadores do Contestado como fonte para o estudo do mesmo, e não quanto uma referência

bibliográfica – não extinguindo dessa maneira a sua importância; essa, aliás, é destacada por esse uso, como constatou Espig (2007:202) ao afirmar que “a obra de Setembrino de Carvalho impôs uma visão sobre o Contestado que se tornou coerente, aceita e repetida por quase todos os estudos sobre esse movimento social”.

O segundo trabalho que foi realizado ainda durante o movimento e também se constitui enquanto uma construção desse tempo presente é a obra de Demerval Peixoto. O tenente, nascido no Rio de Janeiro, em 1884, e que teve sua formação realizada na Escola Militar também do Rio de Janeiro, escreveu seus livros em 1915, enquanto esteve em meio aos combates do movimento do Contestado. O relato dos últimos tempos do movimento foi publicado em 1920, em três volumes, sob o pseudônimo de *Crivelário Marcial* e teve como base, além da vivência do próprio tenente, depoimentos coletados dos próprios combatentes pelo lado do exército, como o próprio general Setembrino. A ênfase do autor foi quanto aos aspectos geográficos e culturais do Contestado, aonde enalteceu a nação e a ignorância do povo sertanejo (DALFRÉ, 2004: 73).

Peixoto, enquanto uma visão produzida a partir do governo exaltou a glória da República perante o movimento sertanejo. Este era, para o autor, como nos coloca Tonon (2010:51), um “sujeito social inculto, iletrado, atrasado, insano, fanático, idiota, bandoleiro, espertalhão e embusteiro”. E foram esses aspectos que levaram o sertanejo ao fervor religioso que o guiou durante o conflito. Entretanto, de acordo com Peixoto, o povo sertanejo não era em si culpado pelos seus anseios; a culpa para o tenente era da situação do comando dos coronéis que levava este povo a uma busca por uma melhor condição. Havia, inclusive, por parte do autor, certo ressentimento com o governo, tanto federal que permitia o predomínio do comando nas mãos dos coronéis, como deste próprio poder local que, em vista do menor sinal de um levante sertanejo, não fez nada para impedir este. Além disso, a importância de tal obra nos estudos quanto ao Contestado se dá principalmente por apresentar um relatório minucioso, tanto da organização como dos momentos finais das expedições.

1.1.2 Anos 50/60/70 – por uma visão sociológica

No entanto, os trabalhos de maior destaque entre a diversidade de estudos referentes ao movimento do Contestado foram realizados a partir da década de 1950, e partiram da área da Sociologia. De acordo com Tonon (2010:56), foi neste período que “ocorre o impulso da ampla revisão comparativa”, o que despertou o interesse por movimentos das mais diferentes origens, dentre os quais se podem incluir o movimento do Contestado. A visão quanto ao sertanejo também mudou, passando a existir a respeito deles um olhar de entendimento e importância. Tais mudanças na academia promoveram como dito acima, também um aumento nos trabalhos voltados para o movimento do Contestado, entre os quais podemos destacar três de maior importância. Os trabalhos de Maria Isaura Pereira de Queiroz, Mauricio Vinhas de Queiroz e Douglas Teixeira Monteiro foram e ainda são referências para os demais estudos quanto ao movimento do Contestado que se desenvolveram a seguir. Esses trabalhos também possuem o mérito de começar a tradição de estudos realizados a respeito do movimento do Contestado dentro das academias, ao contrário dos primeiros já explorados.

A primeira obra publicada entre os três autores é de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Em 1955, a professora da USP defendeu, na *École Pratique des Hautes Études*, na Universidade de Paris, sua tese intitulada *La Guerre Sainte au Brésil: Le mouvement messianique Du Contestado*. Neste, que recebeu influências sócio-culturais de seu orientador Roger Bastide (TONON,2010: 57), a autora abordou o movimento a partir de suas características básicas, tais como origens, características dos sertanejos e dos redutos, para chegar às conclusões quanto ao movimento do Contestado em si e o porque de sua caracterização como um movimento messiânico; tema esse que continua a ser tratado pela autora numa segunda obra, *O messianismo no Brasil e no mundo*, de 1976.

Para a autora, o monge no Contestado era visto como o messias, o que caracterizou o movimento enquanto um movimento messiânico. Além disso, Pereira de Queiroz apresentou esta situação no sertão catarinense como uma patologia social, o

que conferiu ao movimento um caráter reformista, visando às mudanças para livrar o sertanejo da situação em que socialmente estava colocado.

As questões levantadas por Maria Isaura nos dois livros se referiam principalmente a uma categorização do termo “messianismo”. Tratou-se de uma busca por definições que foram utilizadas para enquadrar os movimentos sociais em categorias fixas auxiliares na significação dos mesmos (DALFRÉ, 2004:29). E foi justamente esse o grande problema encontrado pelos autores que dialogaram com Maria Isaura. Para estes, o maior problema da obra da autora foi a tentativa de encontrar denominadores comuns para movimentos muito diferentes entre si (DALFRÉ, 2004:30), além da delimitação do termo “messianismo” (MACHADO, 2001:5), fato que limita a compreensão dos movimentos, principalmente aqui o do Contestado. Um exemplo característico é a sistematização que engloba os movimentos do Contestado e de Canudos em uma categoria só – o que para os estudiosos do tema não é uma maneira correta de se observar tais conflitos.

As fontes utilizadas pela autora foram resultados da pesquisa elaborada por Mauricio Vinhas de Queiroz, o segundo nome de destaque na tríade de principais referências para o estudo do movimento. O autor realizou uma viagem pelo território do Contestado e coletou depoimentos que serviram como base para os estudos tanto do autor, como de Maria Isaura. Tais depoimentos foram coletados em dois momentos principalmente. O primeiro, entre Dezembro de 1953 e Fevereiro de 1954 quando coletou 15 depoimentos, entre eles da virgem Teodora, e no segundo momento, em Julho de 1961, onde colheu aproximadamente doze depoimentos. Além destes, o autor trabalhou ainda com 16 manuscritos que colaboraram no estudo do movimento (MACHADO, 2001: 24). Maria Isaura trabalhou com o primeiro grupo de depoimentos feitos a Mauricio Vinhas e que foram compartilhados com a mesma.

Como dito então, Vinhas de Queiroz produziu o segundo trabalho de destaque quanto à produção referente ao movimento do contestado. Sua tese, *Messianismo e Conflito Social*, de 1966, foi realizada tendo como fontes os depoimentos obtidos entre 1953 e 1961. Na construção do texto, o autor aproximou-se da estrutura euclidiana¹ ao

¹ Entendemos aqui por euclidiana a estrutura do texto de Euclides da Cunha, os *Sertões*, onde narra os fatos de outro movimento social de destaque do início do século no Brasil, a guerra de Canudos.

iniciar sua obra com capítulo intitulado “A terra e o homem” no qual Vinhas de Queiroz apontou as características físicas do meio no qual viviam os sertanejos para só então situar os mesmos em seus aspectos sociais. Quando da escolha por essa estrutura, de acordo com Dalfré (2004:32), o autor objetivou demonstrar uma separação entre Canudos e Contestado – diferentemente do que realizou Pereira de Queiroz ao estipular sua classificação e seguinte tentativa de categorização dos movimentos; no entanto acabou por criar uma aproximação entre os dois movimentos.

Sua tese foi pioneira ao destacar a importância das questões agrárias enquanto problemas que levaram a revolta dos sertanejos (DALFRÉ, 2004:32), sugerindo um primeiro levante por reformas agrárias; seus argumentos, entretanto, tornaram-se contraditórios ao apontar o movimento messiânico dos sertanejos no Contestado como sendo uma revolta alienada. Para o autor, os sertanejos encontravam-se naquele momento numa batalha simbólica pela monarquia, o que os tornava combatentes alienados.

Já o messianismo leva sempre a um alheamento, a um desligamento do corpo social, e à instauração, fora dele e oposta a ele, de uma nova comunidade que confia na transfiguração supranaturalística do mundo. Essa atitude pode assumir o aspecto de uma idealização do passado (...), de uma simples inversão da estrutura social (...), de uma transmutação da própria natureza (...) ou da imaginação de um mundo de justiça e fraternidade, somente para o grupo ou para todos os homens. Dadas as circunstâncias, é sempre um tipo de alienação: o messianismo é uma revolta alienada (VINHAS DE QUEIROZ, 1981: 252-253)

Apesar dos argumentos algumas vezes contraditórios, a importância do autor se dá principalmente no que tange a coleta de fontes utilizadas não somente por ele, mas também por Pereira de Queiroz e Douglas Teixeira Monteiro. Este último é o autor que completa o trio das referências em relação ao Contestado.

Monteiro buscou ao escrever sua tese *Os errantes do novo século*, de 1974, uma análise diferente do pensamento marxista dominante da época; seu pensamento é fundamentado na sociologia da religião. Uma das obras mais analíticas quanto ao Contestado (DALFRÉ, 2004:34), *Os errantes...* apontou como problemas principais quanto ao movimento do Contestado as relações de compadrio – a dominação patrimonialista e a religião e ideologia que são inspiradas por esta. Estes dois pontos estavam, ainda, interligados entre si, de forma que a religião ocupou a parte mais

importante do pensamento sertanejo em relação aos “sistemas de governo” (apadrinhamento, coronéis, oligarquias), ao passo que foi justamente a crise neste que aproxima os sertanejos do monge; uma questão tocou, portanto, diretamente a outra (TONON, 2010:65).

Além deste ponto de vista religioso de se observar o movimento, outra característica fundamental da obra de Duglas é a necessidade de dar voz aos sujeitos sociais. O autor buscou a compreensão do pensamento sertanejo para só então reconstruir sua realidade, procurando dessa maneira o entendimento quanto ao movimento. No que tange sua importância para os estudos quanto ao Contestado, Monteiro partiu para uma nova maneira de se pensar as motivações e razões sertanejas. O autor distanciou-se dos outros autores já citados, que propuseram a situação sertaneja enquanto uma patologia social, como Pereira de Queiroz, ou como um movimento alienado, de acordo com Vinhas de Queiroz. Para Monteiro, houve nos sertanejos uma espécie de loucura que, no entanto, teve uma razão de existir, que vem mais uma vez da crise da dominação patrimonialista, como já colocado. Foi ainda o autor que primeiro utilizou as expressões cunhadas por Max Weber², “desencantamento” e “re-encantamento”. Essas, amplamente utilizadas nos trabalhos sobre o movimento do Contestado, expressam a maneira como os sertanejos encaravam o desenvolvimento imposto pela República e explica como se davam as relações entre os conflitos e suas crenças. Aqui cabe ainda ressaltar que a análise da *História de Carlos Magno e os 12 pares de França*³ e o uso da gesta carolíngia permitiu

² O termo *desencantamento*, usado por Max Weber, refere-se ao processo através do qual as pessoas deixam de explicar o mundo com a ajuda de forças mágicas, para acreditar na ciência e nas formas racionais de pensamento. É ainda a regulação da vida cotidiana fundada no compromisso dos indivíduos com seus valores (THERY-CHERQUES, 2009: 192).

³ Ao contrário do que muito se pensa a respeito do sertanejo do interior do estado, para alguns autores o movimento por estes realizados não se dá sem instrução nenhuma. E essa ficou por conta da leitura exaustiva da *História de Carlos Magno e dos doze pares de França*. A história se trata de “canções de gesta – descrição das façanhas dos guerreiros que celebram os grandes feitos – escrita provavelmente entre os anos de 1098 e 1100, portanto quase três séculos após a morte de Carlos Magno” (MENEZES, 2002:11). Estes textos então se baseavam nas batalhas de Carlos Magno e seus pares representando a Igreja católica contra os infiéis, e criaram assim modelos que foram seguidos pelos sertanejos. Estas histórias chegavam até estes através do monge que, reconhecidamente, lia as façanhas carolíngias para o povo (VINHAS DE QUEIROZ, 1981:82). A leitura de tais acontecimentos inspirou a organização dos redutos onde se formaram grupos de elite compostos por vinte e quatro *valentes cavaleiros* que lutavam pelo bem do povo. Além de tal orientação, a *História de Carlos Magno...* deixava transparecer e influenciava os sertanejos pelo sentimento de honra, astúcia e laços familiares que inspirava.

ao autor uma abordagem do movimento através de uma visão lúdica; isto significa que Monteiro, ao contrário do pensamento predominante quando do seu trabalho, viu os sertanejos não como ignorantes de seus destinos e ações, e sim tal qual personagens envolvidos em um jogo entre o religioso e o combate, recheado de simbolismo. Para o autor, havia alguns principais pontos importantes da influência da gesta nos sertanejos: a existência de corpo militar separado, as leituras específicas pelo monge, a semelhança e crença dos passados mil anos da morte de Carlos Magno e o sentimento de chegada o momento da volta da guerra de São Sebastião. Para sua análise, o autor também utilizou as fontes coletadas por Vinhas de Queiroz.

Ainda no fim da década de 1970, outro nome ganhou destaque nos estudos sobre o movimento do Contestado, dessa vez partindo da área do Jornalismo. Nilson Thomé, jornalista por formação, especializado em História e em Educação, é um dos nomes com maior produtividade em estudos que se referem ao Contestado. Suas obras possuem um teor regionalista, sendo importante destacar que o autor é natural de Caçador, cidade catarinense localizada na região onde se deram os conflitos. Este fato talvez seja interessante de se notar ao perceber o teor que Thomé usou ao falar, tanto dos sertanejos como do movimento. Seus trabalhos demonstram orgulho, estima e até críticas aos estudiosos catarinenses que não se interessam por esse assunto.

Pela proximidade espacial com a localização do conflito, Thomé utilizou como fontes além de depoimentos, autos policiais, relatórios, revistas do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, e demais documentos facilmente encontrados em cartórios da região. Em suas obras, que são numerosas⁴, por vezes apresentou uma descrição do movimento pelo ponto de vista econômico e político, deixando transparecer um viés marxista. A grande quantidade de obras produzidas é outro

⁴ “Dentre nossas próprias publicações até 1992, além da produção de dezenas de ensaios para revistas e artigos para jornais, destacamos os livros: Trem de Ferro - História da Ferrovia no Contestado (1980 e 1983), Civilizações Primitivas do Contestado (1981), Guerra Civil em Caçador (1984 e 1985), A Aviação Militar no Contestado (1986), A Insurreição Xucra do Contestado (1987) e Sangue, Suor e Lágrimas no Chão Contestado (1992) e, mais dez livretes (todos em 1984): Origens e Etnias dos Desbravadores do Alto Vale do Rio do Peixe, Caçador na Campanha do Contestado, Frei Rogério Neuhaus - O Apóstolo do Contestado, A Revolução Federalista na Região do Contestado, Caboclo Pardo: O Homem do Contestado, Cultura e Tradições do Homem do Contestado, Formação Antropológica do Homem do Oeste Catarinense, O Espírito Guerreiro do Caboclo do Contestado, e Canoinhas na Mira dos Mosquetões” (THOMÉ, 2005). Mais recentemente ainda houve a publicação de *Os iluminados*, em 1999.

destaque para o autor que mantém, sobretudo, a paixão tanto pelo movimento como pelos caboclos.

1.1.3 Anos 90/2000 – o movimento entra na história

Apesar destes importantes estudos realizados na segunda metade do século XX sobre o movimento do Contestado, é somente a partir da década de 1990 que a área da História passou a se dedicar a este assunto. Nesta revisão bibliográfica, cronologicamente, a primeira a escrever a respeito do movimento de dentro desta área acadêmica foi Ivone Cecília Gallo. Em sua dissertação *Contestado: o sonho do milênio igualitário*, defendida em 1992, Gallo usou como fontes, além dos depoimentos disponíveis no trabalho de Vinhas de Queiroz, aqui já comentado, e de relatos colhidos pela própria autora, autos policiais, relatórios de processos criminais e relatórios das empresas *Lumber* e *Southern Brazil Railway*. A abordagem da autora foi se distanciando dos demais trabalhos vistos até aqui em sua maioria e se tratou de uma contemplação das tradições e da cultura do povo, e não necessariamente da sociedade e da economia dos sertanejos. Da mesma maneira, Gallo desmistificou o conceito de “fanáticos”, maneira pela qual os sertanejos ficaram conhecidos pela forma e grau que atingiram a devoção destes aos monges; fato este que, segundo a autora, os teria levado a dar início ao movimento. Ela, então, através de um viés milenarista-messiânico, colocou na religião já existente o papel de destaque do movimento, onde os sertanejos não se tornaram cegos pela religião que os expôs aos monges, e sim as crenças e simbolismos que já os envolviam serviram para consolidar o movimento.

A autora construiu um paralelismo entre a esperança de um mundo melhor após a crise ao apocalipse de São João e a perspectiva dos monges em uma terra melhor após a República e da volta da Monarquia. Gallo também estabeleceu uma conexão entre os profetas que guiavam o povo na Bíblia com o monge que guiava o povo pelo sertão catarinense/paranaense. Os monges, aliás, enquanto mitos obtinham um papel de destaque na constituição de uma forma ideal de organização, que significava o mundo ideal milenar. Toda a construção da autora, portanto, se deu de forma a rejeitar

a análise política e econômica predominante e então apresentar uma nova forma de apreender os sertanejos no Contestado.

Alguns anos depois, desta vez no Rio Grande do Sul, outra autora escreveu a respeito do movimento do Contestado, em uma abordagem bem diferente, e também dentro da área acadêmica de história. Márcia Janete Espig, em seu trabalho, *A presença da gesta carolíngia no movimento do Contestado*, dissertação de 1998, analisou a influência da *História de Carlos Magno e os doze pares de França* sobre os sertanejos, e percebeu que a crença e esperança do povo na monarquia não se davam pelo sistema de governo monárquico, e sim porque ela representava o enaltecimento de um tempo passado e a idealização de uma nova realidade (DALFRÉ, 2004:45). Sua perspectiva cultural ganhou destaque por ser inovadora ao rejeitar a importância econômica e política do movimento, assim como Gallo, mas valorizar o cotidiano e pensamento dos sertanejos, o que considerou responsável pela deflagração do movimento. Ainda quanto a esses, a autora criticou a tendência de generalizar o povo sertanejo em um só.

A análise da autora, como colocado, parte principalmente das relações que os sertanejos construíram com a história de Carlos Magno, tanto pelas virtudes aproximadas com os cavaleiros da história e os doze pares de França do Contestado, assim como a religiosidade em volta da crença em São Sebastião. Além disso, é notável os “elementos como o sentimento de honra, a utilização da astúcia e do engodo, e a valorização dos laços familiares”(ESPIG, 1998: 239) que estavam presente nas canções carolíngias e que foram também facilmente percebíveis no movimento do Contestado.

Já nos primeiros anos do século XXI, o primeiro trabalho de destaque em relação ao movimento do Contestado é o de Marilene Weinhardt, que escreveu a partir da área da Literatura. Em sua obra *Mesmos crimes, outros discursos? Algumas narrativas sobre o Contestado*, de 2000, a autora trabalhou com tipos diferentes de narrativas, os não-ficcionais – jornais, e os discursos ficcionais, ou seja, os romances históricos escritos a partir do movimento do Contestado. O objetivo de Weinhardt na obra foi buscar a aproximação entre esses dois discursos.

Na primeira parte de seu trabalho, com a análise dos documentos não-ficcionais, ao realizar o acompanhamento dia-a-dia do jornal, a autora observou o jornal *Diário da Tarde* como formador de opinião. Sendo assim, as notícias acompanharam o movimento e dissiparam também a tentativa de homogeneidade de pensamento em relação tanto quanto ao monge, como ao sertanejo. No início, a aproximação com o movimento de Canudos foi o mais evidente, tanto pela proximidade temporal, como pelo medo de que a tragédia voltasse a acontecer – ele foi referência para compreender o movimento que então germinava em sertões catarinenses. Outra observação da autora é quanto à voz que fala nos textos. Nesse quesito dois pontos são importantes de se observar – o primeiro refere-se ao diálogo do jornal paranaense com outros jornais catarinenses, cada qual defendendo o ponto de vista do seu próprio local de origem, levantando questões referentes à disputa por terras e a questão de limites (WEINHARDT, 2000:47). O segundo ponto de destaque é no que toca os sertanejos, numa tentativa de conscientização dos cidadãos, sendo, entretanto, sua voz a que tem menor destaque. Todavia, os jornais não colocam o caboclo como culpado e sim como uma vítima das suas condições. Sendo assim, a autora concluiu colocando em destaque a importância que o jornal obtém perante a população em geral:

O sertanejo é marginal, isto é, está fora do processo cultural reconhecido como tal, por fatalidade, enquanto o desertor é aquele que rechaçou deliberadamente a civilização. (WEINHARDT, 2000:43)

Já em relação aos discursos ficcionais, os romances analisados pela autora são *Eles não acreditavam na morte* (1958), de Fredericindo Marés de Souza, *Casa Verde* (1963), de Noel Nascimento e *Geração do Deserto* (1964), de Guido Wilmar Sassi. Entretanto, a abordagem da autora não se fez a partir de um viés histórico, e sim a partir de uma abordagem literária – seus estudos buscaram, individualmente, a importância de cada um dos textos, e o que eles representaram enquanto obras literárias em si.

Para além das análises propriamente ditas, o estudo da autora permitiu observar alguns detalhes de grande importância quanto o estudo de romances históricos. O primeiro foi a necessidade de observar o local de onde o romance foi escrito, e o momento em que o mesmo foi editado e publicado. Segundo ponto é o dever de

pesquisar além das obras-primas e se observar as demais existentes ao seu redor. Por fim, as influências que ocorreram, tanto na escrita, como na publicação do mesmo, em especial no que se refere ao movimento do Contestado, e principalmente no corpo de textos selecionados por ela, que “há ainda o discurso do poder, o do simpatizante com o vencido, o do revisionista” (WEINHARDT, 2000:19).

Em 2004, o jornal *Diário da Tarde*, já mencionado como fonte para o trabalho de Weinhardt, serviu novamente como base para o estudo do movimento do Contestado, dessa vez a partir de uma leitura histórica, e não literária. Dalfré em sua dissertação, *Outras narrativas da nacionalidade: o movimento do Contestado*, buscou compreender a maneira como se deram as representações dos participantes da revolta, principalmente dos sertanejos, baseado em dois grupos de fontes – os jornais, como já dito, e os relatórios militares, também já expostos enquanto fontes acima. A partir do estudo do *Diário da Tarde*, a autora observou o acompanhamento feito pelo jornal durante o movimento partindo de uma visão regionalista, do estado do Paraná, o que é um detalhe de destaque a observar quando se trabalha com tal tipologia de fontes.

A autora analisou jornais do decorrer do conflito e em cada etapa pode se depreender características da opinião do jornal a respeito do movimento. Um exemplo é a respeito do monge João Maria onde, de acordo com o jornal *Diário da Tarde*, “o inimigo a derrotar, portanto, não era o *monge* religioso, que pregava a paz nos sertões, mas sim um indivíduo perigoso, experiente, enfim, um criminoso” (DALFRÉ, 2004:78). Quanto ao jornal, ainda, a autora o apontou como um formador de opinião, que “iam indicando os caminhos ao seu leitor” (DALFRÉ, 2004:79).

Aliado à visão dos jornais, Dalfré expôs tais representações como parte da construção de um projeto de nação. As obras dos militares representavam a opinião da República, que visava o progresso e a civilidade colocados pela elaboração da mesma. As imagens então expostas, tanto pelo jornal, como pelos relatórios, corroboraram na imagem que o sertanejo e o sertão obtiveram nesse novo período do Brasil, representando o homem brasileiro em si. A estes argumentos, somou-se a análise de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que se destacou na representação deste homem brasileiro, porém no caso de Canudos. A conclusão da autora, portanto, seguiu para a

observação de que a tentativa dos autores foi a de guiar esse povo sertanejo para um sentido de civilização (DALFRÉ, 2004:149).

Também é de 2004 a obra de Paulo Pinheiro Machado, *Lideranças do Contestado*. Em sua tese o autor explorou a complexidade que envolvia as lideranças que surgiram de dentro os sertanejos. Analisando os líderes principalmente do último tempo do conflito, Machado deixa claro como não se pode separar os elementos religiosos dos não-religiosos. Além disso, a partir do pensamento desses comandantes o autor propõe uma consciência se não política, mas do movimento em si que os sertanejos tinham, diferente da atribuição de revolta alienada colocada por alguns autores.

O autor analisa a relação dos sertanejos dentro dos quadros santos, para entender a formação destas lideranças, e neste aspecto destaca a vivência comunitária dentro dos redutos, numa espécie do que ele chamou de “comunismo caboclo” (MACHADO, 2001: 340). Ainda outro ponto que merece destaque no estudo de Machado é a importância do momento final do movimento, quando grande maioria dos caboclos ainda sobreviventes se entregou ao exército com declarações em uma espécie de “auto-vitimização”, dizendo-se obrigados a estar nos redutos. Para o autor, isso contribui para uma “memória demonizada” de alguns chefes caboclos.

É também de destaque o diálogo do autor com outros nomes de grande reconhecimento no estudo do movimento do Contestado, como Pereira de Queiroz, ao qual se mostra contrário a opinião da autora, em construir categorias que definam movimentos messiânicos e milenares.

Mais recentemente, encontramos o trabalho de Eloi Tonon. O autor, na tese *Os monges do Contestado*, de 2010, continuou o trabalho quanto ao movimento desenvolvido anteriormente em sua dissertação *Ecos do contestado; rebeldias sertanejas* (2002). As fontes com as quais o autor trabalhou são em sua maioria depoimentos coletados já nos anos 2000, nas regiões por onde ocorreram os combates, dessa vez sendo protagonistas os herdeiros do movimento. Sendo assim, o autor teve como base teórica conceitos de autores que trabalharam com o local da memória e do tempo, tais como Walter Benjamin, Valensi, Ciro Flamarion e E. Thompson, entre outros.

Em *Os monges...* o autor trabalhou a partir de uma perspectiva religiosa, privilegiando as figuras dos monges, e sua significação dentro do sertão paranaense e catarinense. Para Tonon, não houve nos sertanejos uma correta distinção entre João Maria ou José Maria, mas sim uma sustentação da mensagem que aquele ser “místico” passava para o povo – existia entre os sertanejos uma crença na santidade destes monges. E esta, para o autor, era legitimada pela sociedade onde os sertanejos estavam inseridos, e nas condições em que eles viviam; a grande responsável por essa grande mobilização em torno dos monges foi a falta de agentes sociais, tais como médicos, padres, entre outros, visto que o monge acabava por assumir todos estes papéis. A partir do sumiço do monge foi que se fortaleceu a crença – “O mistério que envolve o desaparecimento é aquele que suscita a crença em sua santidade” (TONON, 2010:119) – e esse imaginário foi o detonador da guerra santa, de acordo com o autor.

O trabalho com a memória destes descendentes deixou claro, para o autor, uma espécie de culto ao passado. Revelou a crença existente ainda hoje, e citou casos em que ainda se conservam cruces plantadas pelo monge, ou poços onde o monge teria bebido água e a santificado. Mostrou, ainda, que há hoje pessoas que brigam e esperam pela devolução de suas terras tiradas de seus antepassados pela distribuição de terras as empresas estrangeiras.

O autor também buscou apoio nas narrativas dos jornais para depreender uma visão que demonstrou o pensamento social da população do Brasil e da intelectualidade (TONON, 2010:83). Para ele, a opinião quanto aos sertanejos foi o destaque de tais narrativas, pois, através do movimento, foram consolidadas referências maiores quanto à representação do homem brasileiro. Em resumo, o trecho seguinte define bem como se deram tais representações, não somente na opinião do autor, mas de uma forma geral de tais autores que utilizam os jornais como fonte –

A representação dos sujeitos sociais e do próprio movimento não permanece estável durante todo o progresso. É alimentada por novos elementos que reafirmam ou negam os anteriores, sempre em estreita relação com os interesses de quem narra ou a quem representa na produção do sentido. A narrativa jornalística insere-se no desejo de quem a produz, ou a quem representa para definir um sentido. Não esquecendo que há um entrelaçamento entre o contar e o viver, ou seja, de se relacionar com o mundo e com os sujeitos pessoais. (TONON, 2000:83)

Dessa maneira, pretendemos demonstra brevemente os principais estudos a respeito do Contestado para, a partir do segundo capítulo, construir a análise dos romances históricos referentes ao conflito.

2 DE CABOCLOS INJUSTIÇADOS A ÓRFÃOS DO MONGE JOSÉ MARIA – O PRIMEIRO MOMENTO DO MOVIMENTO

A partir deste segundo capítulo, pretende-se fazer uma análise dos três romances históricos selecionados como fonte, a fim de compreender como foi representada a revolta social do Contestado. As narrativas construídas no interior dos romances seguem uma sequência cronológica que acompanha a série de acontecimentos ocorridos durante o movimento. Sendo assim, este estudo também obedecerá a mesma ordem usada para a construção do panorama sobre a revolta.

2.1 NARRATIVAS SOBRE OS ANTECEDENTES E CAUSAS DO CONFLITO

2.1.1 República x Monarquia

A dicotomia gerada entre os governos é um dos aspectos principais do movimento do Contestado. Quando do seu advento, a República trouxe consigo diversas mudanças dentro do país, tais como:

[...] abolição da escravidão, inexistência de um mercado de trabalho capaz de suprir a mão de obra ex-escrava, imigração, trabalho assalariado, mercado interno mais dinâmico com a abertura para a entrada de empresas estrangeiras (DALFRÉ, 2004: 106).

Essas mudanças tiveram grande influência na região do Contestado. A construção da estrada de ferro que passava por aquelas terras está diretamente ligada à modernidade que a República trouxe com ela. As modificações que ocorreram principalmente no interior do país acarretaram em um sentimento de repúdio da população por esta forma de governo. O novo sistema que se instalava era visto como “pertencente ao diabo”, em oposição ao tempo da Monarquia, que era divino (TONON, 2010: 16). É essa a visão mostrada pela historiografia que é também representada nos romances a respeito do sentimento sertanejo.

Entretanto, a forma como esse conflito acontece nos romances dá a ideia de uma população ignorante a respeito do funcionamento da República. O povo não conhecia as inovações que o governo republicano estava trazendo, como a estrada de

ferro ou a exploração feita pela *Lumber*, mas sabia que aquilo não era bom para eles, como mostra o trecho de *Geração do Deserto*:

(...) – Não sei direito. Companhia Colonizadora, me parece. Diz que não tem um dono só... é uma sociedade, uma porção de gente é quem manda. É um negócio esquisito... meio embrulhado...

(...)

- Mas dizem que ainda tá dando lucro.

- Dá sim. Dá lucro bom. Mas é pros estrangeiros. Eles é que são donos de tudo, das terras e dos ervais. E a gente não ganha nada.(...) (SASSI, 1964: 20 -21)

O autor deste romance mostra a partir deste extrato que não havia o conhecimento por parte do povo. A República para eles era algo que somente trazia malefícios. Sendo assim, o objetivo principal dos caboclos era instaurar a Monarquia novamente no sertão. Não pela forma de governo em si, mas sim porque o sistema monárquico representava para eles um tempo de paz (GALLO,1992:200). Corroborando com essa ideia, o romance *O dragão vermelho do Contestado* deixa claramente exposta tal opinião. Para o autor desta fonte, inclusive, a disputa entre Monarquia e República foi a causa principal do movimento do Contestado:

A caboclada, na verdade, sequer possuía maior noção do que pudesse ser a Monarquia. Perdia-se num entendimento algo difuso, achando ser ela, por ouvir de orelha, “uma coisa do céu”, uma lei de Deus que devia vigorar na terra. Já o advento da República, isso eles sabiam, lhes for altamente danoso, quando régulos políticos e estrangeiros, em nome e sob a proteção dos governos republicanos, açambarcaram grandes áreas e os expulsaram de suas posses. O novo regime era coisa do diabo, representava o Dragão devorador. (VASCONSCELLOS,1998: 16)

Além disso, o pensamento antirrepublicano dos caboclos não ficava somente na ideologia, mas passava a atos práticos. Para eles, destruir a República em si era destruir fisicamente aquilo que eles acreditavam ter chegado à região junto com ela, como no trecho de *Casa Verde*, que mostra os sertanejos ateando fogo nas serrarias da *Lumber* como forma de destruir a própria empresa, num sentido mais amplo.

No princípio do mês de setembro de 1914, após consultar a virgem, Alonso expediu ordens para a ofensiva geral. Ele próprio comandou uma sortida a Calmom, fuzilando todos os que considerava miseráveis. Nos campos de São João de Cima, uma patrulha pelada anunciou a guerra com o fogo ateado à serraria da Lumber Colonization. Estações da estrada de ferro foram atacadas e incendiadas, o número de vítimas crescia (NASCIMENTO, 1962: 74)

Ainda com relação à República, as três fontes possuem um pensamento parecido, demonstrando mais enfaticamente o ódio do povo pelo governo do que a historiografia. Inclusive os romances priorizam esta situação enquanto causa do movimento, frente a outras motivações valorizadas pela academia.

Já no que se refere à questão da Monarquia, as fontes concordam com a historiografia ao datar o início da tentativa de recuperação da monarquia com a encenação do momento de coroação de Manuel de Assunção Rocha como imperador. No entanto, este fato já era uma tradição da festa do Divino, um festejo popular no interior do país e que foi o motivo para a presença do monge em Taquaruçu, no começo do movimento (VINHAS DE QUEIROZ, 1981: 88). Seguindo a tradição, durante as comemorações, um homem de características nobres era escolhido entre o povo e então coroado como Imperador, nesta festa que guarda em si tradições medievais (AGOSTINHO, 2002: 30). Os romances descrevem esta festa e mostram que a partir dela, junto à chegada do monge, a esperança do povo no tempo da Monarquia aumenta. Para os autores, essa espera é regada de saudosismo. E a exemplo do trecho de *Geração...* mostram um povo que esperava o retorno de uma época melhor:

Os mais idosos, sussurrando respeitosamente, recordavam os retratos de Pedro II. O monge, por causa das barbas longas, recordava-lhes o Imperador, e eles suspiravam, saudosos, relembando como era bom antigamente. A República não valia mesmo nada. Fora ela quem trouxera os males maiores, tais como a Estrada de Ferro e as companhias estrangeiras que lhes roubavam as terras. Havia justiça, quando D. Pedro II era vivo. Agora, não. Mas, para protegê-los, ali estava o monge. Reencarnação, talvez, do imperador morto. Os bons tempos da Monarquia haveriam de voltar. E então, outra vez, eles teriam justiça e quem lhes defendesse os direitos (SASSI, 1964: 31).

2.1.2 O papel da Igreja

Na historiografia, as relações entre os caboclos e a Igreja Católica não obtêm destaque entre as discussões a respeito das causas do movimento do Contestado. A religião recebe atenção especial em poucos autores. Esses casos se restringem à Pereira de Queiroz, que tem como característica a definição dos movimentos e

consequente classificação do Contestado enquanto messiânico e milenarista⁵, ou Duglas Monteiro, quando expõe sua tese de encantamento e desencantamento entre os caboclos do Contestado.

De acordo com a bibliografia, com o advento da República, a Igreja Católica perdeu o *status* de religião oficial do governo (TONON, 2010: 105). Além disso, dois pontos foram essenciais para definir como era a relação entre os caboclos e a Igreja: por um lado, assim como o desprezo dos governantes com as regiões interioranas do país, o clero também mantinha uma preterição com esses locais, mantendo poucos padres para atender uma grande população. Isso foi determinante para o aparecimento dos monges enquanto agentes religiosos (DALFRÉ, 2004: 73,74). Ao mesmo tempo em que acontecia esse descaso, as instituições religiosas tornavam cada vez mais difícil o acesso do povo a sacramentos tais como batismo e casamento, cobrando altas taxas, inconcebíveis para as condições do povo.

A exemplo do que acontece na historiografia, os romances não destacam os problemas dos caboclos com a Igreja, com exceção do livro *Casa Verde*. De acordo com o autor desta fonte, a Igreja Católica tradicional era odiada pelo povo, sendo considerada até coisa do demônio. Neste livro, através da fala de um dos personagens a revolta com a Igreja é demonstrada em conjunto com o ódio pelo tempo da República:

- A Igreja não cumpre mais a vontade e a palavra de Deus. A santa missa é rezada só por dinheiro, em língua estrangeira. Os padres cobram pelo batismo das crianças e pelos santos sacramentos. Andam de braços dados com os ricos e desprezam os pobres necessitados (NASCIMENTO, 1962: 6)

Além disso, em diversas passagens o autor dá ênfase a seu pensamento, deixando claro as tentativas de reintegração do privilégio católico aos moradores do interior catarinense e em contrapartida à devoção desses ao monge.

⁵De acordo com Negrão (2001: 119), e indo ao encontro das definições de Pereira de Queiroz, o movimento messiânico “diz respeito à crença em um salvador, o próprio Deus ou seu emissário, e à expectativa da sua chegada, que porá fim à ordem presente, tida como iníqua ou opressiva, e instaurará uma nova era de virtude e justiça” e o movimento milenarista “refere-se a atuação coletiva (por parte de um povo em sua totalidade ou de um segmento de porte variável de uma sociedade qualquer) no sentido de concretizar a nova ordem ansiada, sob a condução de um líder com virtudes carismáticas.

2.2 NARRATIVAS A RESPEITO DO MONGE JOSÉ MARIA

É consenso tanto na historiografia como nos romances que o principal personagem do movimento do Contestado foi o monge José Maria. Os autores que se dedicaram ao movimento partilham da mesma opinião a respeito das informações históricas sobre a figura do monge. Sua origem é confusa, mas supõe-se que se tratava de um desertor do Exército Brasileiro que esteve preso antes de aparecer na região do Contestado (CABRAL, 1960: 182). As indefinições a respeito da origem deste personagem talvez estejam ligadas à figura de outro monge que percorreu aquele território no fim do século XIX.

Este primeiro monge chamado João Maria chegou à região do sertão paranaense por volta de 1890, e sua atuação junto aos sertanejos o tornou conhecido como São João Maria (TONON, 2008: 108). Dada a importância deste primeiro monge, as três fontes iniciam suas narrativas a partir das memórias a respeito deste personagem. Em *Geração do Deserto*, por exemplo, o monge ressurgue nas lembranças de personagens instruídos do livro, que repassavam informações a respeito dele:

- Às vezes andava descalço, outras de alcaparta...Os cabelos e a barba que nem de monge mesmo: bem compridas, da brancura do algodão. Vestia uma roupinha pobre, de brim, toda remendada. Tinha um barrete na cabeça, feito de pele de bicho. Debaixo do braço carregava uma caixinha, com umas imagens de santos, da devoção dele, e os apetrechos de chimarrão (SASSI,2000: 15).

No livro *O Dragão Vermelho do Contestado*, João Maria é citado juntamente com os outros dois monges, José Maria e ainda um terceiro do qual não se encontram muitas informações. Note-se que o autor não entra em detalhes a respeito de cada um dos personagens individualmente e procura mostrar que para os caboclos não havia três monges, mas somente um.

É no romance *Casa Verde* que a figura deste monge ganha o maior destaque. O livro dividido em duas partes dedica a primeira delas especialmente ao monge João Maria. O título “Casa Verde”, inclusive, é dado ao livro em virtude do sentimento do monge pelo povo e pelo território, pois, conforme relata o autor, era a maneira como o monge falava sobre aquele território: “Aprofundava-se na casa verde, como chamava o sertão”. Ao referir-se sobre o monge, o autor destaca que “ele era tão humano como o

mais humano de todos os jecas. Sentia na carne as dores do próximo. Santo de verdade, santo do povo, sua igreja, a casa verde”.

Apesar das diferentes descrições a partir das quais este monge é apresentado, algumas características que o definem são similares, e vão ao encontro do que as fontes historiográficas apresentam sobre o monge. Cabral (1960:109), por exemplo, descreve-o dizendo que “(...) vestia um hábito, talvez franciscano, sobre o qual caíam-lhe os cabelos compridos e a barba longa”. De modo geral as descrições deste e de outros autores correspondem a algumas características evidenciadas na conhecida fotografia onde ele aparece com sandálias rudes, barba e cabelo compridos, roupas pobres, e barrete na cabeça.

Por causa da sua aparência humilde, João Maria era visto pelo povo como realmente um santo, que poderia atender as suas necessidades. Os romances descrevem a crença que as pessoas tinham nele, destacando suas previsões do futuro e as promessas de sua volta como elementos que suscitavam a fé do povo. Além destas aptidões, até mesmo os objetos como as cruzes que deixava pelo caminho e os poços que continham a água por ele benzida eram demonstrações da santidade do monge, e fatos relatados também pela historiografia:

No espaço geográfico dos municípios de Porto União da Vitória existem oito ‘fontes ‘ditas’ do monge. Em pontos os mais diversos. (...) Nessas fontes ocorrem diariamente pessoas para buscar as águas ‘sagradas’ do ‘santo monge’. A gruta do morro do Cristo da cidade de Porto União é a mais visitada pelos devotos. Lá fazem orações com pedidos, ou cumprem promessas de ‘curas’, tributadas aos monges. Não raro são deixadas fotos, muletas e outros objetos como símbolos reais de gratidão pela ‘graça’ alcançada. São igualmente realizadas cerimônias de batismo (TONON, 2010: 189).

Já a visão a respeito do monge José Maria, no entanto, ao contrário do que acontece com estas representações do monge João Maria, é a de um personagem que manipulava os caboclos.

A representação do monge José Maria pelos romances históricos também apresenta uma imagem que condiz com a historiografia. As feições que este personagem assume nas fontes também permitem observar um ponto decisivo na análise de romances históricos. Este fator é a opinião do próprio autor. No romance *Casa Verde*, a opinião do autor é de um monge enquanto uma pessoa normal e um

poderoso agente social. É o único exemplo que apresenta positividade a respeito do monge, enquanto nos outros dois livros, os autores deixam claro um pensamento contrário à figura do monge, insinuando ser ele um homem ardiloso, que convencia o povo a fazer o que ele queria, e depois o abandonava.

Outro ponto recorrente nas fontes é a mistificação do monge. Através de passagens que enaltecem a figura de José Maria e da escolha de termos como “santificação”, “volta após a morte”, “o mais iluminado dos monges” e “catalisador de almas”, os romances legitimam a opinião dos autores a respeito do que o povo pensava sobre a religiosidade. No entanto, isso não expressa a opinião dos próprios autores a respeito do mesmo.

Quanto a seu passado, antes da sua chegada ao Contestado, tanto *Geração...* como *O dragão...* dão importância ao fato do monge ter sido desertor do exército. O romance *O dragão...* cita inclusive uma situação que não é comprovado pela historiografia, mas que para este autor é de grande relevância. Nesta fonte, José Maria teria sido preso por ter abusado de uma menina. O escritor retorna várias vezes a este fato, dando a entender que o monge também abusava das virgens que o cercavam.

No romance *Casa Verde* um caso diferenciado ganha destaque. De acordo com a fonte, o monge havia estado preso antes da sua vinda para o território e já exercia a liderança na prisão. Além disso, neste romance os Pares de França também aparecem junto a José Maria, ainda quando em cativo. Desta forma, o autor ao mesmo tempo enaltece a figura de José Maria enquanto grande líder, e ainda justifica a presença de alguns personagens que só viriam a aparecer depois, confirmando sua hipótese de origem diversa dos participantes do movimento, a exemplo de verdadeiros bandidos.

Do mesmo modo que acontece com João Maria, no que se refere às características físicas e psicológicas do monge José Maria, muito da historiografia é feita baseado em relatos daqueles que conviveram com o monge e de raríssimos retratos; contudo dentro da academia essa questão não é tratada com relevância. Já nos romances, pelo contrário, a descrição do monge é determinante para a consolidação deste personagem. As fontes apresentam um monge gordo, baixo, carrancudo, feio. Os autores com isso tentam criar uma imagem a fim de desagradar

aos leitores, deixando claro que aqueles que leem a história também não devem considerar José Maria uma pessoa boa.

Apesar disso, o monge aparece como alguém santificado nos diálogos entre os personagens dos romances. Embora os autores possuam uma visão cética em relação ao monge, os caboclos representados por eles acreditavam fielmente nas curas realizadas pelo José Maria e em suas orações. Isto fica claro quando Noel Nascimento apresenta em *Casa Verde* o fato de que “(...) já não havia quem não possuísse uma cópia da oração redigida por José Maria, tamanho o seu prestígio”, ou quando Sassi apresenta em *Geração...* a crença no monge através da fala de personagens que iam ao Irani e voltavam dizendo que:

- São José Maria ainda não voltou, mas vai voltar. Tá perto o tempo de ressurreição dele. Ele já tá saindo da terra, os pés já tão de fora, calcados com uns sapatos novos. Muito logo ele vai ressuscitar, como prometeu, e vai acabar com a lei do diabo, essa República desgraçada. É bom a gente se reunir e ficar esperando por ele (SASSI, 1964: 56)

2.3 NARRATIVAS SOBRE O POVO

Sobre o romance histórico, Doblin (1938: 22) escreveu que “o romance é acima de tudo um romance e não História.” Sendo assim, as narrativas construídas nestes livros influenciam o modo como as questões relativas ao Contestado foram levantadas. É o enredo que determina a ordem dos acontecimentos e a maneira como a temática do Contestado é explorada, misturada às histórias dos personagens fictícios. Mas de maneira geral os autores apresentam primeiramente a situação da região do Contestado para dessa forma ambientar a revolta e os conflitos internos dos personagens presentes nos enredos. E estas histórias se assemelham com as narrativas historiográficas sobre o Contestado.

Os aspectos cotidianos dos caboclos, principalmente antes do aparecimento do monge José Maria e da criação dos redutos é um fato pouco tratado pela historiografia. Ainda assim, podemos destacar três obras em que os autores se dedicaram à descrição deste povo. Vinhas de Queiroz estipulou uma estrutura de texto a fim de se diferenciar de *Os Sertões*, como já comentado, porém conseguiu com isso uma maior aproximação. E para tanto, o autor intitulou o primeiro capítulo de seu livro de *A Terra e*

o *Homem*, e fez uma leitura principalmente a respeito do povoamento, da paisagem e da economia da região. Machado também começou seu trabalho com análise da população do Contestado. E por fim Thomé, muito pela sua dedicação ao povo catarinense, abre seu livro *Sangue, suor e lágrimas no chão do Contestado* com uma análise d’*O Homem do Contestado*. Com exceção destes três trabalhos, a origem daquele povo não obtém destaque entre as produções acadêmicas.

Nos romances históricos, entretanto, a construção se dá de maneira bem diferente. Por haver neste caso uma preocupação com o estilo literário, os autores descrevem amplamente a população do Contestado, seu cotidiano e a economia da região, entre outros aspectos. O livro *Geração...* apresenta características a respeito da identificação do povo que vivia nos redutos, citando o fato de os caboclos usarem nos chapéus de palha uma fita branca com 1,70 metro de comprimento, tamanho esse referente à medida do monge São João Maria. O romance *O dragão...*, por sua vez, descreve a economia no sertão catarinense, baseada na troca por bois e no extrativismo – de erva-mate para o homem do planalto e dos pinheiros para as empresas de fora.

No que refere aos aspectos do povo como um todo, as três fontes apresentam uma visão sobre os sertanejos que condiz com a opinião dos autores aqui já apresentados: é um povo que passa por várias necessidades, inclusive básicas, como comida e moradia, e que vê na chegada do monge uma alternativa que os leva a uma fé, por vezes, cega. Porém a forma como os autores apresentam este povo é diferenciada.

Enquanto o romance *O dragão...* faz questão de enumerar os “tipos” de pessoas que faziam parte do movimento, como no trecho a seguir:

...gloriosa homogeneização de heterogêneos – caboclos do pastoreio, do extrativismo, da lavoura, e operários não qualificados demitidos da ferrovia, e remanescentes farroupilhas, e até velhos maragatos desgarrados da Revolução Federalista (VASCONCELLOS, 1998:27)

O livro *Geração...* mantém o foco nas características das personalidades dos caboclos. Um exemplo é o fato de os homens dos redutos possuírem o cabelo raspado. Para o autor deste romance o mais importante eram as motivações ao fazer isso, ou seja, marcar a diferença daqueles que não acreditavam no monge.

Um ponto em comum a respeito dos sertanejos para os três autores é os dois momentos distintos dentro dos redutos. Quando ainda estavam à volta do monge, e no primeiro ataque ao Taquaruçu, os caboclos ainda eram motivados pela fé e pelo desamparo em que viviam. Sassi, em *Geração...*, expõe que as pessoas que ali combatiam não entendiam o motivo daquilo e o faziam por estarem abandonadas pelo governo. Foi a partir deste momento que muitos autores, principalmente militares que escreveram logo após o conflito, tiraram suas observações para denominar os sertanejos de “fanáticos”. De acordo com Lazarin (2005: 154):

A forma sincrética de apelo ao sagrado, quando atinge dimensões coletivas e políticas, apavora a elite que lhe atribui o nome de fanatismo, que dominou os relatos dos militares que participaram das ações de Exército na região contestada.

A palavra *fanático* é raramente usada nos romances. No entanto as narrativas deixam claro que a opinião dos autores tende a esta visão e alguns trechos permitem essa observação. No romance *Casa Verde* os caboclos afirmam perante a Igreja a fé somente no monge. Já o livro de Sassi, *Geração...*, mostra a ignorância do povo que nem ao menos sabia o que estava acontecendo ao seu redor e se mantinha acreditando que somente o monge poderia salvá-los, além de descrever situações em que coloca a fé dos sertanejos à prova. E ainda em *O dragão...*, onde o autor trata com ironia os abusos da santidade e questiona a verdade das visões dos virgens. Até os primeiros impasses, então os caboclos eram considerados como fanáticos.

Ainda quanto às características do povo, pode-se notar uma exclusividade, que é a referência ao índio, feita apenas no livro *O dragão...*. A passagem é curta e apenas se refere a ele como uma pessoa sem valor nenhum. Porém se destaca por falar a respeito do indígena.

Além do povo em si, a região onde ficavam os redutos também possui destaque nos romances, principalmente em *Casa Verde*. O autor Noel Nascimento justifica o título do seu livro pelo uso da expressão enquanto um adjetivo ao sertão, que era a casa do monge e do povo. Eram as matas que constituíam a “casa verde” do povo que nada tinha. Como exemplo, temos a descrição que o autor faz da região de Bituruna, no Paraná:

Bituruna é o território das célebres Missões, conquistado pelas bandeiras: é a terra que os caigangues dominaram. Bituruna era o nome de um monte, mas algum índio o estendeu a região.

Bituruna é a pátria abençoada amorosamente pelos rios Iguaçu e Uruguai. (...)

(NASCIMENTO, 1962:13)

Ainda dentre as descrições do povo, os autores apresentam personagens diferenciados. Estes podem ser divididos em duas categorias: os personagens históricos comprovados através da bibliografia e aqueles personagens criados com a finalidade de colaborar com o enredo. Os personagens históricos são os mesmos em todas as fontes trabalhadas, entretanto com histórias diferentes em cada um dos livros.

Os personagens fictícios são criados conforme a necessidade de cada autor para construir seu argumento. Podemos citar exemplos em todas as fontes. Em *Geração...* ganham destaque os personagens de Nenê, louco, e sua mãe, a viúva Zeferina, que andavam catando bugigangas pelas estradas e são representativos da maneira como o movimento do Contestado influenciou todas as pessoas que habitavam a região, mesmo aquelas que não estavam ligadas ao conflito. Já o personagem principal de *O dragão...* é Saturnino, um viajante que serve como fio condutor da história e é o elemento principal da parte ficcional do romance. *Casa Verde*, por sua vez, nos apresenta a menina Conceição, que vira prostituta após os abusos do coronel, seu padrinho, e demonstra as suas críticas com a história dos personagens.

2.4 NARRATIVAS SOBRE OS CONFLITOS

O movimento do Contestado é de fato deflagrado a partir da reunião dos caboclos em volta do monge quando da presença deste na Festa do Divino, na região do Taquaruçu. A história de como aconteceu o primeiro combate, após a chegada do monge e de seus seguidores às terras do Irani, é comum tanto à historiografia como a literatura. Os autores mostram uma preocupação com o realismo de suas obras e com a aproximação ao que é historicamente conhecido. Apesar disso, cada fonte guarda em si particularidades que cabem ser ressaltadas.

Um fato que fica claro nos três romances é a importância dada ao conflito particular entre o monge e o coronel Albuquerque. Este acontecimento é encarado pela

historiografia como uma desavença não entre monge e coronel, mas sim entre os dois coronéis mais importantes da região: Albuquerque e Henriquinho. A esta disputa ainda somava-se o afeto de Henriquinho pelo monge (VINHAS DE QUEIROZ, 1985: 85-89). No entanto, o destaque nos romances é realmente a desarmonia entre o monge e o coronel Albuquerque. O autor de *Geração...* cria um panorama de plena rivalidade entre os dois. Neste livro, a desarmonia entre estes personagens é tal que o monge fala abertamente ao povo que o coronel não gostava dele e de seu povo. O personagem de José Maria ainda coloca o personagem do coronel Chiquinho⁶ como representante da República e autoriza inclusive a invasão das terras do coronel pelo povo para saquear e roubar seus rebanhos.

Para Sassi, o autor de *Geração...*, a origem desse conflito estava na negativa do monge em atender o pedido de visita a uma menina doente na casa do coronel. O autor apresenta como motivo para o monge não ir à casa do coronel o fato deste ser “um republicano muito metido”. A historiografia, no entanto, explica este acontecimento dizendo que a resposta do monge teria sido que “a distância da casa do coronel à sua era igual à da sua casa à do coronel” (VINHAS DE QUEIROZ: 1981 apud jornal DT 22-12-1913). Este conflito é característico para se pensar a importância da opinião do autor nas narrativas. Sassi, numa postura contrária ao monge José Maria, escreve seu romance de maneira a transformá-lo em um personagem mal visto pelos leitores. Já o livro *Casa Verde* apresenta este acontecimento com o mesmo destaque e inclusive as mesmas palavras apresentadas por Vinhas de Queiroz.

Outro fato interessante para se observar nos romances é a presença tanto das virgens como dos pares de França ainda no Irani, ou seja, no primeiro momento do movimento, enquanto vivia o monge. Os três livros apresentam uma institucionalização dos redutos que não consta na historiografia. A bibliografia relata a presença desses personagens somente na reunião dos caboclos após a morte do monge, um ano depois, já no Taquaruçu. Para eles, no Irani estavam apenas as pessoas que seguiram o monge, e estes não tinham o intuito de guerrear. Os caboclos nesta fase eram apenas “fanáticos” que batalhavam contra a invasão do coronel João Gualberto com

6 No romance *Geração do Deserto*, o coronel Albuquerque é chamado de coronel Chiquinho, de maneira a aproximar a maneira como o livro é escrito da linguagem coloquial dos sertanejos na época do conflito.

pedaços de pau, e que tiveram como vantagem do seu lado a queda da metralhadora do exército na água (VINHAS DE QUEIROZ, 1981: 99). As fontes, no entanto, mostram de forma diferente este momento.

Primeiramente, as virgens, que somente têm destaque no segundo momento do conflito, aparecem já no Irani. Seja na insinuação a respeito da conduta do monge, como quando em *Geração...* o autor sugere que o monge havia dormido com duas virgens, seja nas referências a essas, a exemplo de *O dragão...* em que o autor apresenta Maria Rosa, inclusive com um verso que fala sobre seu futuro:

Menina do olhá forte
 Se arreparo bem dereito
 Vejo peleja em teu porte
 Vejo pôde no teu jeito (VASCONSCELLOS, 1998: 20)

Já quanto à institucionalização do reduto, *Casa Verde* propõe que antes mesmo da ida dos caboclos para o Irani o movimento já estava organizado com secretário-geral, ministro da Fazenda, ministro da Agricultura, comandante-geral e os doze Pares de França, que faziam a guarda do reduto. Este pelotão também é apresentado ainda no Taquaruçu por Sassi, em *Geração...* quando o monge escolhe um a um, numa referência clara à escolha dos doze apóstolos por Jesus Cristo. Esta construção complementa o sentido proposto pelo autor de comparação do povo que atravessou o deserto na Bíblia com o povo do Contestado em busca da terra prometida (WEINHARDT, 2000: 130 – 145).

Fica claro também nas três fontes pesquisadas que a intenção de invadir o reduto parte do coronel João Gualberto. A forma como este fato é descrito, entretanto, gera controvérsias na compreensão do fato. Em *O dragão...*, de acordo com Vasconscellos, a invasão foi decidida totalmente pelo coronel e se tornou um vexame. Nascimento, em *Casa Verde*, por outro lado mostra um João Gualberto aberto a negociações que não foram aceitas pelo monge, e este sim é que atacou as forças do exército ao ver a aproximação das tropas do coronel. Finalmente o romance *Geração...* mostra um monge medroso que procura o coronel João Gualberto a fim de evitar o conflito. Essa é a versão mais próxima da historiografia, que explicita um monge sem

interesse de batalha e que admite inclusive dispersar seu povo, pedindo somente um tempo para que pudesse efetuar isto (MACHADO, 2001: 181).

Cada autor demonstra à sua maneira a batalha, dando ênfase no aspecto que considera mais relevante. O autor de *Geração...* destaca os fanáticos como pessoas com uma violência exagerada, por vezes desnecessária, e apresenta números sobre este primeiro conflito: aproximadamente 600 pessoas, sendo que a grande maioria eram enfermos, velhos, mulheres e crianças. O livro *Casa Verde*, por outro lado, demonstra a diferença entre o povo do monge e o exército, através de seus gritos: “Viva a Monarquia!” pelo lado dos caboclos, e “Munição! Fogo!”, pelas tropas de João Gualberto. Ainda de acordo com o autor, é o povo que sai vitorioso. Por fim *O dragão...* mostra um combate desproporcional entre caboclos, que lutavam com armas de pau, e o exército, que possuía armamento pesado. Declara ainda que apesar disso a expedição de João Gualberto foi um fiasco.

O fim deste primeiro conflito é igualmente contado pela historiografia e pelos romances, e se deu com a morte dos dois principais líderes, o monge José Maria e o coronel João Gualberto. É importante destacar as consequências nas quais este primeiro conflito implica. Vasconcellos, em *O dragão...*, apresenta dois pontos para a reflexão. Primeiramente, o autor expõe a diferença de concepção da memória do monge e do coronel. Apesar da importância dada a cada um deles, o coronel João Gualberto é encarado como um herói e seu corpo foi acompanhado por grande procissão, como apresenta Dalfré (2004: 69), enquanto o monge José Maria é visto como um mito⁷ e recebe uma importância diferenciada. Uma segunda hipótese levantada pelo autor é a da comparação entre os movimentos do Contestado e de Canudos. Para o autor o movimento não acabou no Contestado com a morte do líder, ao contrário do que aconteceu em Canudos. Sendo assim, demonstra que a fé no Contestado é muito maior.

Já o livro *Casa Verde* apresenta que o pensamento de santificação a respeito do monge permaneceu após a sua morte. Ao mesmo tempo em que os caboclos sabiam que “santo não morre”, todos sentiram a sua falta.

⁷ De acordo com Rossi (2007: 5), o mito seria uma forma de tornar o mundo e as sociedades mais inteligíveis, além de ser um instrumental para o comportamento humano, e mostrar como as coisas devem ser.

Sassi, por sua vez, em *Geração...* afirma que após a morte do monge os fiéis ficaram desamparados. No entanto sua fé não se acabou e permaneceram esperando a ressurreição do monge.

3 DE FANÁTICOS A JAGUNÇOS – O SEGUNDO MOMENTO DO CONTESTADO.

Este terceiro capítulo dedica-se à análise dos romances no que se refere a um segundo momento do movimento do Contestado. Este vai da reunião dos caboclos um ano após a morte do monge José Maria, até o fim do movimento, com o ataque derradeiro do general Setembrino de Carvalho ao reduto de Santa Maria.

3.1 NARRATIVAS SOBRE A REUNIÃO NO TAQUARUÇU – MOTIVOS E FORMAÇÃO

Um ano após a morte do monge José Maria na batalha no Irani, começaram a fermentar na região do Contestado boatos de que uma virgem teria tido visões do monge. Nos romances, esta situação é demonstrada também como na historiografia. Entretanto os autores revelam nestas representações motivações que não ficam claras nos textos acadêmicos. Estes trabalhos mostram apenas a fé como força-motor desta reunião, diferentemente do que acontece nas fontes aqui abordadas.

Para Sassi, o autor de *Geração...*, as visões da virgem Teodora se sucedem com um fim pré-determinado. A função delas era conseguir a confiança do povo. Através do anúncio da volta do monge, Euzébio, um senhor que tentava obter o comando do conflito, pretendia fazer com que a população dos redutos acreditasse nele. Porém, essas notícias aparecem no romance de formas diferente, não partindo diretamente da virgem, e sim de várias pessoas que partilhavam a ideia de uma nova reunião. Nesse caso, em que mais que o aviso do retorno do monge prevalece a multiplicidade a respeito deste ocorrido, a mistificação de José Maria somente tende a aumentar.

Já no romance de Noel Nascimento, *Casa Verde*, primeiramente a forma como a virgem é chamada é diferente. O autor cria uma personagem mais próxima à realidade dos caboclos, ao mesmo tempo em que cria uma virgem⁸ infantilizada. Para tanto, Nascimento não chama a virgem de Teodora, e sim de Dorinha. Suas visões, no entanto, são facilmente confundidas com sintomas de epilepsia.

⁸ É importante ressaltar que a palavra virgem aqui não é usada para definir pessoas que nunca tiveram relações sexuais, mas sim pessoas santificadas e puras, que possuem uma ligação espiritual.

Ainda em relação às visões da virgem que provocaram a reunião dos caboclos em Taquaruçu, é de destaque o momento em que elas acontecem. Em *Casa Verde*, o autor comenta que naquele ano, após a morte do monge, não havia casamentos e nem batizados à espera da volta de José Maria. O romance expõe também que a virgem Dorinha tinha um irmão novo aguardando ser batizado pelo monge. Pelas condições em que se vivia na região, a mortalidade infantil era grande. E é justamente na ocasião em que a virgem preocupava-se com a possibilidade do irmão morrer sem ser batizado que suas visões começam. O autor então explora os devaneios motivados por interesse pessoais.

O romance *O dragão...*, por sua vez, apresenta que o momento da nova reunião dos sertanejos aconteceu somente um ano depois, pois era este o momento em que todos acreditavam na ressurreição do monge. A representação desta situação para o autor mostra que foi necessário este tempo para que a crença atingisse um nível de maturidade dentro dos caboclos. Justamente seguindo este raciocínio, o autor coloca que as notícias que corriam na região do Contestado eram mais sobre a crença dos fiéis, e não somente sobre as visões das virgens:

(...) O fracasso da força policial no Irani, dera aos caboclos a sensação de uma vitória pela fé. Era o poder da crença. Por que, no momento certo, engasgara a metralhadora do adversário? Todos falavam nisso. Via-se aí o dedo de São João Maria em ascensão, cavalgando no seu cavalo até sumir entre as nuvens. (...) Dispersarem-se era o melhor a fazer, até a ocorrência de um novo sinal divino como chamamento. O Monge prometera voltar, e com certeza voltaria. Bastava ter paciência, e aguardar na fé. (VASCONSCELOS, 1998: 61)

Além disso, esta fonte diferencia-se das demais por apresentar o povo já reunido em Taquaruçu quando das aparições do monge para Teodora. As visões da virgem aqui são encaradas não como um pedido de José Maria para a reunião, e sim como um sinal da sua volta em breve. Dessa forma, podemos perceber uma importância maior dada àqueles que tinham esse dom.

A cidade de Taquaruçu não foi escolhida ao acaso para a nova formação de um reduto. Ela era a indicada pelo próprio monge em suas aparições à virgem Teodora. Em *Geração...* é Euzébio mesmo quem fala e mostra que a nova formação haveria de ser em Taquaruçu, por ser essa a cidade santa. Além disso, a lembrança da época do monge era viva. Como prova disso, temos o fato de que os personagens do livro

deixam claro que o novo reduto seria uma reconstrução do Irani. O romance *O dragão...* também evidencia o estabelecimento do novo reduto na Cidade Santa. Já o autor de *Casa Verde*, por outro lado, mostra a cidade escolhida não como um lugar santificado, mas como a capital da Monarquia. Com isso, Noel Nascimento deixa transparecer a importância que a questão da implantação de um novo sistema de governo adquire em seu romance.

De uma maneira geral, como apresentado acima, o que motivou a reunião dos caboclos foram as visões da virgem Teodora. E estas acontecem de maneira parecida em todas as fontes. O que difere entre elas são somente as descrições. Enquanto o romance *Geração...* apenas comenta esta situação, o livro de Vasconscellos, *O dragão...*, descreve com riqueza de detalhes este fato:

Conduzida por uma força estranha encaminhou-se ela para um galpão afastado de casa, e ao nele ingressar viu três vultos que se foram materializando. Reconheceu um deles como sendo o monge José Maria. Os outros dois, provavelmente, seriam São Jorge e São Miguel. Envolvia-os brilhantíssima fosforescência. No transe viu José Maria erguendo um crucifixo, com ambas as mãos, declarando aproximar-se a hora da Guerra Santa de São Sebastião. Os outros dois também erguiam os braços aos céus. Um deles segurava a imagem de São Sebastião, e o outro uma bandeira branca com uma cruz de fita verde no centro (VASCONSCELLOS, 1998: 62).

Ainda em relação a essa reunião para um novo reduto, este romance é o que conta detalhes diferenciados. *O dragão...* é a única fonte que comenta o fato desta união dos caboclos despertar o medo na cidade de Curitiba. Além disso, o autor também explora o fato de o reduto ser contra a Igreja tradicional, mencionando a escassez de informações a este respeito, da mesma forma que ocorre na historiografia.

3.2 NARRATIVAS DOS PRIMEIROS LÍDERES RELIGIOSOS – A VIRGEM TEODORA, O MENINO-DEUS MANOEL E O MENINO VIRGEM JOAQUIM

Quando houve a reunião dos caboclos para a formação do novo reduto, já não havia a presença do monge José Maria. Sendo assim, o cargo de líder religioso ainda não era ocupado por ninguém. No entanto, como era a crença o que movia os caboclos, este lugar foi prontamente passado aos virgens, aquelas pessoas

santificadas que no momento eram de fundamental importância. A primeira virgem a obter destaque foi Teodora.

Como já expressei, esta personagem foi de fundamental importância por ter sido ela a pessoa que teve as visões que levaram à volta da formação de um reduto em Taquaruçu. Sua representação é feita como uma jovem, influenciada por seu avô Euzébio, chegando até a ser manipulada por ele. Teodora foi uma das sobreviventes do movimento a qual a historiografia teve acesso. A entrevista realizada por Vinhas de Queiroz serviu como fonte tanto ao autor, assim como Pereira de Queiroz e Paulo Pinheiro Machado. Estes textos apresentam a virgem como farsante, ou ainda uma menina que encarava tudo aquilo como brincadeira, colaborando com este pensamento de que as visões viriam a satisfazer os planos de seu avô. Os depoimentos colhidos por Vinhas de Queiroz deixam claro a visão que a população como um todo possuía a respeito da virgem:

Entretanto, parece que Teodora encarou aquilo que dela dependia como farsa ou “brincadeira”. Em Lebon Régis, antiga Trombudo, onde Teodora vive atualmente, ouvimos que “ela não via nada das visões dela; eram os velhos que diziam para ela dizer, e ela então repetia”. A própria Teodora, quando a entrevistamos, confirmou-nos tal versão: “Eu não via nada. (...) Eram os velhos que se juntavam e diziam as ordens” (depoimento TEODORA) (VINHAS DE QUEIROZ: 1981, 113).

Como esses textos colocam, podemos ver que as visões de Teodora eram encaradas como farsa, e ela como uma virgem que não possuía credibilidade. Nos romances, entretanto, vemos diferentes representações a seu respeito. No livro *Geração...* sua participação se deve ao fato de ter sido ela a pessoa que teve a primeira visão, não obtendo maior importância além disso. Em *O dragão...*, apesar do momento da revelação do monge ser apresentado com detalhes, o seu personagem em si não ganha destaque. Finalmente, em *Casa Verde* é que encontramos a virgem com grande destaque. Desde a forma que o autor fala a respeito da personagem, chamando-a de Dorinha, até a maneira como ela é apresentada ao longo do livro deixa a percepção da ênfase que Teodora recebe. Neste romance ela é uma virgem respeitada, e a sua figura mistificada, assim como no trecho em que o autor a descreve.

Dorinha contava menos de dez anos, mas sabia desempenhar com devoção o papel da virgem. Antes sonhava, não tinha visões aterradoras como no momento. Magrinha, frágil como delicado caule duma flor, os cabelos escorridos, os olhos

cansados no fundo das covas, o rostinho muito bonito. Durante o dia, não raras as vezes, repentinamente, se esquecia do mundo, fora de si alguns instantes. Só pensava em são José Maria, viva no ar. Estava falando ou fazendo algo, e de repente, perdia a consciência das coisas. Porém, logo voltava a realidade. Os olhos tornavam a mover e a fisionomia a tomar expressão. Como era uma virgem, uma entidade santa, não lhe estranhavam a “inspiração”, o enlevo (NASCIMENTO, 1962: 55)

Ao mesmo tempo em que as visões de Teodora suscitaram a reunião dos caboclos, todos os romances colocam a fé que já existia como a razão principal para esta nova formação. Dessa maneira, a liderança da virgem não teve uma grande duração. O seu posto foi logo ocupado por Manoel, filho de Euzébio. Nos romances esta passagem fica marcada como o momento em que a virgem perde o contato com o monge.

O virgem Manoel, de acordo com Machado (2004: 200 – 204), era um jovem anunciado ao cargo de líder espiritual pelo próprio Euzébio, e por sua mãe, Querubina. Por ser da mesma família de Teodora, foi aceito o fato de ter visto o monge no meio da mata. É, ainda segundo Machado e também descrito por Vinhas de Queiroz (1981: 116 – 177), a partir do comando de Manoel que o reduto foi institucionalizado, passando a ter as guardas e o uso dos cabelos raspados pelos homens, o que conferiu aos caboclos do Contestado a alcunha de *pelados*. O auge de seu período enquanto chefe se deu quando, após um ataque epilético, caiu como morto. Após certo tempo, o virgem acordou, fazendo o povo crer em uma ressurreição. Durante o tempo que estava desacordado, alegava haver estado com o monge, e este o indicava que se deitasse com duas virgens. Este fato foi definitivo em sua trajetória, pois “os caboclos, que estavam mergulhados num regime de rigor moral, consideraram este ato uma afronta que revelava a fraude de Manoel” (MACHADO: 2004, 204). Os romances representam este personagem de maneira bem próxima à historiografia.

Em *Casa Verde*, o que fica mais evidente e ganha destaque é o fato das meninas deixarem de ser virgens ao se deitar com Manoel. O livro *Geração...*, por sua vez, apresenta Manoel como um menino casado, e que se cercava de virgens:

Manuel⁹ era casado, pai de filhos, mas o seu estado de graça lhe valera o qualitativo de menino-virgem.

(...) Também a exemplo do que fizera José Maria, Manuel anunciou que necessitava de *virgens* inspiradoras. Rodeou-se de uma turma de meninas, e elas passaram a transmitir as mensagens que Manuel recebia. (SASSI, 1964: 58)

É somente em *O dragão...* que a regularização dos redutos pelo virgem é representada. Neste romance Manuel não somente dorme com as virgens, como as engravida. O personagem do virgem também serve como crítica do autor. De maneira irônica, Vasconcellos aponta o fato do virgem se acercar de moças como um abuso não somente dele, como do monge que teria dado essa ordem a ele:

Andava sempre Manoel sempre acompanhado de suas virgens por determinação do Monge, segundo afirmou. No mês de Outubro de 1913 aconteceu uma das piores nevascas de toda a história do planalto. (...) Mas Manoel, o líder da confraria, agasalhado pelo calor das virgens, por certo foi em Pedizes Grandes quem menos sentiu o flagelo de tal nevasca, o que bem demonstrava a sábia determinação do Monge para que delas se cercasse. (VASCONCELLOS, 1998: 65)

A diferença entre os autores se dá pela grafia do nome, e pela maneira como os fatos são colocados. Entretanto o personagem Manuel é o mesmo, tanto nos romances como na historiografia. Após a sua retirada do comando, o controle passou para as mãos de um segundo menino virgem. Esse garoto se chamava Joaquim.

Joaquim, escolhido para substituir o menino-deus Manoel, era neto de Eusébio e, apesar da pouca idade, foi quem dirigiu a resistência do reduto quando do primeiro ataque ao Taquaruçu, em 29 de Dezembro de 1913 (MACHADO: 2004, 216)

Mesmo sendo novo, Joaquim foi responsável pelo comando quando dos primeiros conflitos no retorno do reduto. Nos romances, porém, ele ocupa lugares distintos. São três menções a seu personagem que acontecem de maneira bem diferentes.

No romance *Geração...* ele sequer é representado. Não há falas a seu respeito, e a passagem do comando é feita diretamente de Manoel para Maria Rosa. Já no livro *O*

⁹ A grafia nos romances difere. Ora o personagem é chamado de Manoel, ora de Manuel. Entretanto, correspondem ao mesmo personagem.

dragão... o autor apresenta o menino Joaquim dando a ele a idade de 12 anos, o que não é um fato comprovado pela historiografia. Ao mencionar que Joaquim ganhou o título de “comandante-geral”, Vasconcellos expõe que quem detinha as visões era também quem detinha o poder. Ou seja, fé, nos redutos, de acordo com este autor, era sinônimo de poder. Ainda, o escritor coloca em questão a legitimidade do poder do menino, questionando se suas visões eram verdadeiras, ou instruídas por sua avó Querubina.

Com Joaquim, daí em diante, seria tudo muito diferente. Claro que a disciplina e a vara de marmelo continuariam existindo; mas ao contrário de Manuel, depois de receber as instruções do monge (ou seria da avó Querubina?) ele primeiro as levaria ao conhecimento dos 12 Pares de França, quando então as ditas instruções seriam discutidas, devidamente interpretadas e só então postas em prática. (VASCONCELLOS, 1998: 81)

Casa Verde, por sua vez, apresenta o menino como um prodígio. Na fonte, Joaquim é um comandante de guerra antes de ser um líder religioso. De acordo com o autor, o monge aparecera a ele pedindo para que montasse um exército de meninos:

Também Joaquim, criança de doze anos, irmão de Dorinha, contou a avozinha Querubina que também vira o monge, o qual lhe dissera para formar um exército de meninos. Na manhã seguinte, comandava sessenta, todos armados de varas de marmelo (NASCIMENTO, 1962: 57)

Apesar das diferentes representações a respeito do menino virgem, nenhuma delas apresenta o seu fim. Seu personagem perde o posto de comando para a próxima virgem, Maria Rosa. Assim também acontece na historiografia. De acordo com Vinhas de Queiroz (1981: 126), “(...) tanto Euzébio como Joaquim e Querubina haviam perdido todo prestígio em Taquaruçu por terem querido apresentar-se como santos”. É isto o que explica o sumiço do menino e o aparecimento de uma nova liderança, no novo reduto de Caraguatá.

3.3 NARRATIVAS DAS BATALHAS E DO COTIDIANO DE COMBATE

Estes líderes espirituais do povo tiveram sua atuação dentro do novo reduto formado na cidade de Taquaruçu. Quando dessa nova reunião os caboclos ainda estavam em um momento em que a fé era o que os movia. A sua crença também foi

justamente o que os motivou aquela nova formação. E durante algum tempo o reduto encontrava-se em paz. A fonte *Geração...* enaltece esse momento, demonstrando como um tempo sem conflitos e de boa convivência, no qual a vida somente seguia a ordem natural das coisas.

No acampamento se realizavam as rezas de todos os dias, os casamentos e as procissões. Gente chegava, gente nascia e gente morria. No mais, em tudo, Taquaruçu estava em paz.

À noite, junto ao fogo, os vizinhos se reuniam, para tomar chimarrão e contar histórias. Recontavam, vezes sem conta, as profecias de São João Maria, apontando as que já se haviam realizado e as que ainda estavam para acontecer. (SASSI, 1964: 67)

É também neste momento da história, em que tudo estava em aparente paz, que o autor nos apresenta a vida de personagens secundários, os quais representam aspectos do Contestado, assim como as críticas do próprio escritor. Vemos o personagem de Nenê, um jovem com deficiência mental, que, como um *Dom Quixote* do sertão catarinense, sai em busca do trem, o dragão de ferro. Percebemos em personagens como ele e sua mãe, um misto de inocência e loucura que aos poucos acaba por atingir a todos no reduto, o tempo em que o movimento acontecia.

No meio da calma em que se encontravam os redutos, parte do exército a iniciativa de um novo ataque. De acordo com Thomé (1992: 88):

Tomando conhecimento de que os fanáticos se haviam juntado de novo em Taquarussu, onde se organizavam rapidamente, e esperavam a “volta” do monge José Maria, o Ministério da Guerra e o governo catarinense elaboraram um plano de dispersão, segundo o qual três expedições cercariam o “quadro santo”.

Os romances se apóiam nesta ideia também para construir suas narrativas. Quanto à situação política da região que envolvia o movimento do Contestado, Sassi, em *Geração...* fala de um contexto mais amplo, envolvendo as capitais, onde Curitiba e Florianópolis estavam contra os “fanáticos” e ao mesmo tempo uma contra a outra.

Este ataque ao Taquaruçu, dentro das fontes, acontece de maneira inesperada, e acaba com a pasmeira que reinava naquele momento. Entretanto, ao contrário do que acontecera um ano antes, no combate do Irani, desta vez os caboclos saíram vitoriosos. Apesar disso, é constante nos livros analisados que a batalha se dera através da fé. Tanto *Geração...* como *O dragão...* mostram um verdadeiro combate de

fé, onde as mulheres participavam orando, os meninos guiados por Joaquim em um exército infantil, armados com espadas de pau, e os homens lutavam agitando bandeiras brancas. No entanto, este último fato, da presença de homens armados com alvas flâmulas, é tratado em *Geração...* como um fato irônico. O autor satiriza da confusão causada por esta atitude dos caboclos.

(...) Gasparino Melo deixou de lado a Winchester e foi buscar a bandeira santa de São João Maria.

Os soldados pararam de atirar. Os oficiais haviam comandado:

- Cessem o fogo! Os *fanáticos* tão se rendendo.

Engano. Das trincheiras de novo atiravam, enquanto Gasparino Melo, bem visível, levantava a bandeira e baixava-a outra vez. Tranqüila e compassadamente.

Carolina gritou:

- Viram como deu resultado? Os *peludos* pararam de atirar. Vai ver que tão morrendo tudo. (SASSI, 1964: 74)

Sassi assim coloca como ignorância a fé dos caboclos em suas bandeiras brancas, que faziam o exército parar de atirar. Mesmo assim, por causa de “um ataque mal planejado, sem sincronização das colunas” (THOMÉ, 1992: 88), os caboclos saíram vencedores deste combate. Apesar disso, o número de mortos que resultou do conflito era grande, e em *Casa Verde* o autor mostra apenas a quantidade de cruzeiros pelas cidades, apresentando com isso o destino anônimo que os mortos do reduto tinham.

No entanto, o cotidiano que acompanha a vitória nos redutos mostra os problemas que o povo viria a enfrentar mais para frente. O romance *O dragão..* anuncia que com as batalhas vencidas, apareceram problemas de ordem prática, relacionados a higiene, como o surgimento de epidemias e as dificuldades com os casebres imundos. Após os combates, resultam também na região cada vez mais os comentários a respeito do que acontecera em Taquaruçu, ainda de acordo com Vasconcellos, autor de *O dragão...* Apesar disso, outro reduto é formado, em Caraguatá, com outra liderança.

3.4 NARRATIVAS DA VIRGEM MARIA ROSA

A retirada do povo para o reduto de Caraguatá aconteceu no momento em que os caboclos estavam animados pela aparente vitória obtida perante as forças do exército. A liderança, entretanto, já não estava nas mãos do menino Joaquim que, como já comentado, perdeu seu posto visto as tentativas de se passar por um santo. A partir daquele momento a líder religiosa do reduto seria a virgem Maria Rosa.

De acordo com Felipe (1995 apud MACHADO,2004: 190), Maria Rosa

Em estado normal, comportava-se como todas as jovens da sua idade. Moça bonita, inteligente, de bastante simpatia e carisma. Morena clara, tipo portuguesa de cuja raça descendia, cabelos encaracolados, estatura talvez um pouco acima da mediana, esbelta, sorridente, sobressaía-se em qualquer ambiente onde se encontrasse. Porém, nos momentos de 'variação' se transformava. Suas feições e procedimentos assumiam a postura de adulta, sentenciosa e versada em assuntos muito superiores ao conhecimento de uma simples caipirinha semi-alfabetizada

Desde o momento em que foi descoberta tendo visões dentro do reduto, a virgem obteve a confiança de todos. A relação do povo com Maria Rosa é descrita por Vinhas de Queiroz (1981: 151 – 152):

Em geral, o povo dos redutos considerava Maria Rosa uma santa e julgava que 'ela tudo sabia'. Cumpria o povo religiosamente as ordens que ela emanava. Era encarada como a representante da vontade do monge, de quem conhecia os secretos desejos. Designava os chefes ostensivos, destituía-os dos comandos, sentenciava

É notoriamente a virgem mais importante do movimento do Contestado, dentre os estudos de cunho acadêmico. Dentre os romances, no entanto, ela adquire graus de importância e facetas diferenciadas. No livro *Casa Verde*, Maria Rosa é apresentada desde o início do livro, ainda na presença do monge José Maria. Sua existência é legitimada justamente por ter sido escolhida pelo próprio monge, quando ainda em vida. Suas características quanto ao seu aspecto físico não são apresentadas, porém sua santidade e o simbolismo de sua virgindade são constantemente mencionados e lembrados. Podemos perceber isto na repetição ao longo do texto da frase “Maria Rosa (...), vestida de branco”.

Neste romance também, com a presença de outros personagens, o autor apresenta uma virgem entre a santidade, que todos respeitavam, e a humanidade, que não podiam ignorar. Esta qualidade da virgem enquanto uma pessoa dita normal é mostrada através da paixão nutrida pelo rapaz Antoninho, e ao mesmo tempo no sentimento que Adeodato possuía por Maria Rosa. Além disso, a virgem mostra-se na fonte enquanto uma líder nata, que ultrapassa os limites da liderança religiosa e se assume como a líder do movimento, como um todo, a exemplo do trecho do romance:

Montada em seu vistoso corcel ornado de prata e veludo, de franjas e fitas, Maria Rosa ia à frente dos retirantes, escoltada pelos Pares de França e seguida por mais duzentos cavaleiros. Com seu vestidinho branco, castanha cabeleira caída aos ombros, era a fada da utópica revolução, a inspirar animo e coragem até aos mais infelizes (NASCIMENTO, 1962: 69)

Já em *Geração...* temos uma segunda visão da virgem, bastante diferenciada. Neste romance, Maria Rosa é uma garota que, tendo visões, é manipulada pelos chefes do movimento. E no momento em que ela começa a manifestar mais fortemente a sua própria “opinião”, os líderes temporais tentam passar o posto dela para uma virgem mais facilmente moldada. A virgem é inclusive chamada de burra, justamente por este motivo. Entretanto Maria Rosa não aparece com mais destaque nesse livro, sendo a sua importância reduzida de forma bastante aparente.

É na terceira fonte analisada que a virgem Maria Rosa aparece com o destaque que ela obtém na historiografia. Era alguém com fama de santa, e os caboclos acreditavam que era realmente a encarnação de uma santidade. O autor apresenta também a menina como mais um exemplo das injustiças realizadas com os sertanejos, caracterizando-a como filha de Eliasinho da Serra da Esperança, um caboclo que teria sido expulso de suas terras pelo governo republicano. Como descrição, temos uma virgem analfabeta, com 15 anos de idade, que possuía o domínio religioso e o respeito místico. Esta aura é representada pelo simbolismo e poesia com que o autor descreve a personagem:

O seu vestido branco vinha com algumas fitas verdes e azuis, por duas penas de pássaro no ombro, e nos seus cabelos negros viam-se atadas três flores brancas. Por trás dela, e pouco mais no alto, ondulava ao vento a grande bandeira branca com a cruz verde no centro (VASCONSCELLO, 1998: 123)

Ainda de acordo com Vasconcellos, a fama de Maria Rosa enquanto virgem se espalhava nacionalmente. Mais que um personagem santificado, o autor apresenta uma personagem “comandante de guerra”.

A frente dos Pares de França, toda de branco e com a grande bandeira de São Sebastião, cujo base do mastro prendia-se a sela, estava Maria Rosa. A líder espiritual transformava-se em Comandante de Guerra. Não seria menos, certamente, que Joana D’Arc à frente de guerreiros em defesa de uma causa e de uma fé nas quais acreditava (VASCONCELLOS, 1998: 167)

A referência criada à guerreira francesa aproxima também a virgem Maria Rosa da Joana D’Arc representada por Michelet em *Joana D’Arc*. Tal como a donzela descrita pelo historiador francês, a virgem do Contestado é responsável pela contágio do povo pela luta. Assim como a mártir da França dedicou sua vida àquele país, Maria Rosa doou a sua existência para a causa do Contestado. Ela era a representação máxima do povo. É ela quem motivava os caboclos na batalha.

A parte humanizada da virgem também não falta nesta fonte, e é colocada quando o romance mostra uma Maria Rosa apaixonada pelo capitão Matos Costa:

De no veio-lhe a mente a figura de Matos Costa. Homem afável, educado, atencioso, de fala bonita. Sim a prima Tonha cobria-se de razão, ele até lembrava a imagem de São Jorge. Mas fora um contato tão curto... é, não podia negar ter ficado impressionada com o jovem e belo oficial. Possuía ele dedo de solteiro, sem anel comprometedor. A sua voz sempre tranqüila, mesmo sabendo-se rodeado por encarniçados inimigos, bem demonstrava tratar-se de um homem extremamente senhor de si. E aquela sua voz soara-lhe como um canto de pássaro. Todas as vezes em que seus olhares se cruzaram o seu coração disparou, por isso ela os desviava, para não se trair. (VASCONCELLOS, 1998: 258)

Seu fim, no entanto, coloca em evidência o seu lado santificado e, mais uma vez, tal qual Joana D’Arc, a virgem deixa de lado suas emoções e sentimentos para se dedicar a sua causa. Como heroína, seu destino deveria ser a morte pelo movimento. Em um trecho do romance, Maria Rosa então abandona sua vida, pelo povo:

Ela agora, em pé, voltava-lhe as costas
 - Num posso,- respondeu-lhe, quase inaudível. – Em outra situação, até podia. Mas num posso. E os crente? E esses crente que viero e acreditaro na nossa luita? Convoque eles, e vô fica com eles.
 Maria Rosa assim ligava-se ao destino de seu povo, qualquer que fosse o destino (VASCONCELLOS, 1998: 221)

No romance *Casa Verde*, a virgem também tem seu fim tal qual uma mártir, indo à frente do pelotão, enfrentando o inimigo comandando seus guerreiros.

3.5 NARRATIVAS DA FASE “JAGUNÇA” E A LIDERANÇA DE ADEODATO

A partir do momento em que os caboclos se retiram do Taquaruçu, e partem para o novo reduto de Caraguatá, onde a liderança religiosa era exercida pela virgem Maria Rosa, o movimento assume uma nova faceta. O que era até então considerado um fanatismo agora passa a ser chamado de uma fase de jagunços, e até de banditismo por alguns autores mais radicais. Usamos aqui como modo de separação entre as distintas fases os termos usados pelo autor Paulo Pinheiro Machado. De acordo com o historiador, até o combate e consequente vitória no reduto de Taquaruçu, os caboclos viviam um “tempo de fanatismo”. Após isso, no entanto, o movimento começou a viver o “tempo de jaguncismo”.

A expansão do movimento rebelde foi considerada pelos grandes fazendeiros a ação de uma horda de bárbaros, jagunços, bandidos, interessados apenas no saque e na destruição. Desde a liquidação de Taquaruçu, em fevereiro de 1914, a guerra parecia ter tomado um caminho de radicalização sem volta (MACHADO, 2004: 243).

Os romances exploram este momento tal qual a historiografia. A forma com que fazem esta construção dá ênfase às características que estavam se alterando dentro dos redutos, e que possibilitavam passar a chamar o movimento de jagunço. A principal mudança para os autores das fontes é o fato de as motivações da guerra deixarem de estar no plano religioso e relacionadas com a fé, e passarem a ser simplesmente pela batalha em si.

Em *Geração...*, Sassi apresenta uma análise a respeito destes caboclos que vai ao encontro da divisão temporal do movimento que Machado faz. Para o autor da fonte a violência que havia se instaurado dentro dos redutos, e na região como um todo, marcava os sentimentos sendo mais fortes que a fé em si. E isso era o que os movia. Complementando, o autor deixa claro que não podiam mais ser chamados de *fanáticos* visto que a fé já não era o mais importante. Inclusive as competições que aconteciam

entre os caboclos aconteciam com o objetivo de perceber qual deles matava mais *peludos*¹⁰.

Quando da criação do reduto de Santa Maria, de acordo com Sassi, as pessoas que ali estavam obtinham, basicamente, dois comportamentos. Ou lutavam por que estavam desamparadas, e não sabiam para onde ir, ou combatiam por uma causa que já não existia, e com isso justificavam seus atos de roubo, pilhagem e assassinato em toda a região.

Já em *Casa Verde*, o autor ainda apresenta o caboclo nesta fase como uma vítima do sistema, mas que ao mesmo tempo agia por vinganças e causas pessoais. Nascimento inclusive comenta esta passagem de fase dentro do movimento como uma transição entre guerra santa e o terror. Entretanto o autor tenta justificar essa mudança colocando-a como a ocasião em que os ideais dos caboclos sucumbiam aos malefícios humanos como a fome, a peste e a própria guerra em si. Além disso, essas mudanças começaram a acontecer à medida que o povo percebia que o monge já não voltaria mais.

Apesar da violência cada vez mais aparente exposta pelo autor, colocando inclusive que já não importava mais o inimigo, e sim a batalha, ainda há na representação desta fonte a humanização destes caboclos. Mesmo neste momento dos combates é a vida que marca os acontecimentos, seja o início (nascimento) ou o final (morte).

(...) Na última linha, uma dezena de boiadeiros tocava o rebanho. A caravana só interrompia a viagem se alguma parturiente dava à luz, pondo no mundo um novo crente, ou se era preciso abrir uma cova para o que partia a chamado do monge (NASCIMENTO, 1962: 69).

Em *O dragão*...este momento dentro dos redutos acontece como um tempo em que o povo ainda continuava a acreditar no monge. A fé já não era o essencial nas batalhas, mas continuavam buscando como causa maior a existência do monge que ainda poderia voltar. Eles estavam sob a proteção de José Maria, ao mesmo tempo em que o reduto crescia em armamentos.

¹⁰ Peludos era a forma como os caboclos do movimento do contestado chamavam aqueles que eram contra a causa sertaneja, pessoal do exército ou ainda representantes da República.

Este autor apresenta uma visão parecida com a de Nascimento que em *Casa Verde* apresenta os caboclos como sofredores da fome ou doenças. Aqui também o escritor mostra a situação nos redutos piorando a cada dia que a população aumentava. E estes que chegavam não vinham mais motivados pela fé, e sim eram aventureiros e oportunistas, alguns inclusive com instrução e dinheiro. Nas descrições dos combates vemos que as batalhas e mortes já haviam virado rotina entre os caboclos, e não sabiam mais porque estavam fazendo aquilo.

Além disso, o autor também apresenta as táticas guerrilheiras superando a irmandade construída dentro dos redutos, como quando decidem separar os redutos, porque seria melhor para as batalhas.

Ainda neste período que se estende através da criação do reduto de Caraguatá, e de Santa Maria, e se prolonga até o fim do movimento, a liderança religiosa de Maria Rosa, já apresentada, foi aos poucos sendo substituída pelo líder guerreiro Adeodato. Este rapaz nascera na região de Lages e, de acordo com Vinhas de Queiroz (1981: 205):

(...) era analfabeto, jamais lhe ensinaram a ler e escrever. Ganhou dinheiro como domador. Tornou-se capataz de uma fazenda de gado nos arredores de Perdizes Grandes, pertencente a Manoel Dias. Tinha uma voz grave e potente, cantava décimas nas festas, entrava em desafios. Sempre foi hábil no manejo das armas.

Com ele no comando o movimento passou pela fase de maior violência, tanto com os chamados *peludos* como dentro dos próprios redutos. Nesta fase, como já colocado, a fé não era mais o que movia os personagens da revolta. Alguns casos iam à batalha por vinganças pessoais, outros por atos de bandidagem, ou ainda com medo do terror imposto pelo chefe Adeodato.

Nas fontes, esta liderança é mostrada igualmente violenta. Entretanto, apesar de apresentar tal pensamento a respeito deste chefe, as fontes buscam legitimar a presença dele no cargo maior dos redutos. No romance *Casa Verde*, por exemplo, o autor mostra o fato da violência e temor gerado por Adeodato ser o que causa o “respeito” dos caboclos para com ele. Na verdade, o que era entendido como obediência se dava mais por medo que por aceitação do líder enquanto tal. O autor coloca ainda que foi quando ele assumiu o poder que a guerra passou a não ser mais santa, e que teria sido Adeodato o responsável pelo fim da revolução.

O livro *Geração...*, por sua vez, apresenta uma visão bem semelhante a respeito do líder. O autor representa Adeodato como um chefe sem escrúpulos. O movimento, com ele na liderança, segundo Sassi, seguia por um rumo onde as acusações legitimavam qualquer ato de violência gratuita, e tudo se justificaria pela fé, apesar dos caboclos já não a sentirem como antes. Ainda de acordo com a fonte, era regra dentro dos redutos ter uma visão do monge José Maria; quem não a tivesse, tinha marcado em si o sinal de não crer no monge, e isso tornava-se desculpa para a morte. Com isso, o autor nos apresenta o reduto em situação que a fé legitimadora é imposta pela crença, ou pela violência.

A liderança de Adeodato em *O dragão...*, diferentemente dos outros dois romances aqui apresentados, é mostrada como resultado do apoio popular. O autor constrói a sua representação de modo a mostrá-lo como um rapaz simpático, que possuía o carisma necessário para se fazer chegar ao comando. Esta visão é a mais próxima à historiografia, que mostra um Adeodato que conquistou o povo para chegar ao cargo que ocupava. Mais do que construir um juízo de valor a respeito do líder, que é a base da construção do argumento dos outros autores, Vasconcellos, neste romance, justifica a presença do jovem no comando como causa da vontade dos caboclos. E estes queriam apenas um comandante que entendesse de guerra, sem se importar com um líder religioso, como acontecia na primeira fase do movimento.

3.6 NARRATIVAS DO FIM DA GUERRA E A “VITÓRIA” DO EXÉRCITO

Era o ano de 1916 quando o movimento do Contestado encontrou seu fim. Este não aconteceu de maneira única e definitiva, mas sim foi construído aos poucos. Com a formação de distintos redutos, a população dos caboclos se espalhava, e a cada nova mudança de local ficavam para trás as pessoas mais necessitadas e com piores condições, como os mais velhos, doentes e crianças. Os soldados do exército acabaram primeiro com esses locais, e finalmente com o maior reduto naqueles dias, o de Santa Maria. O derradeiro ataque se deu a Pedras Brancas, com a força do general Setembrino de Carvalho.

Apesar da aparente vitória das forças do exército, a historiografia é unânime em afirmar que o que ocorreu não foi exatamente isso. Mais do que a superioridade armamentista do governo, prevaleceu o estado deplorável em que se encontravam os caboclos. A situação beirava a calamidade. As doenças atingiam os redutos de variadas maneiras, sobressaindo o tifo e a difteria. Além disso, a fome também matava grande parte das pessoas. Sendo assim, quando os batalhões chegavam aos redutos se deparavam com essa situação, que impedia os caboclos de pegar em armas e guerrear, além de fazer com que as rendições fossem constantes.

As fontes, por sua vez, concordam com essa ideia, e solidificam essa opinião. Pela tomada de posições em defesa dos caboclos os autores tendem a valorizar o sertanejo perante as hostes do governo. Em *Casa Verde*, o governo espalha notícias sobre a rendição e oferece inclusive terras em troca. O autor também concorda com o fato de que não foi o governo quem venceu a guerra, e sim os fanáticos que já não tinham condições de guerrear:

Vários “redutinhos”, próximos a Canoinhas, foram deixados as tropas cujos chefes se vangloriavam da façanha, “feitos extraordinários”. Se a marcha constituía uma “brilhante jornada”, “magnífica vitória”, quanto mais a ocupação de um arraial deserto...(NASCIMENTO,1962:79)

O dragão..., por sua vez, constrói aos poucos o pensamento que explica a derrota dos caboclos. Um deles é o desvirtuamento do povo, que os afastava da fé, e trazia para dentro dos redutos maus costumes e vícios. Outro ponto que fica marcado neste romance é a aceitação do fim da guerra por ambos os lados. Tanto o governo como os caboclos já haviam percebido que não havia mais motivos para o conflito, e todos já queriam a paz, pois não aguentavam mais o desgaste. Sabiam que a guerra não rendia mais frutos.

Um segundo motivo na construção que o autor faz a fim de justificar a não vitória do exército é o enfraquecimento dos caboclos, a cada ataque, tanto no contingente populacional como nas condições de vida. Quanto aos resultados, o autor aborda o povo que mais sofreu durante todo o movimento. Para Vasconcellos, esses eram aqueles que estavam no meio do conflito, entre os dois lados, pois sofriam ameaças e perdas tanto do lado dos *fanáticos* assim como do governo.

Já *Geração...* aborda o final do movimento colocando em evidência o número de mortes que aconteciam ali. Expõe que morriam tantas pessoas que nem os cemitérios tinham condições adequadas para abrigar os mortos. Ao mesmo tempo, não havia tempo de enterrar as pessoas sendo preciso cavar somente valas e jogar de 4 a 5 pessoas em uma só. Isso resultava em corpos anônimos que fugiam da contabilização dos conflitos, e impedia também de famílias terem conhecimento a respeito do destino de seus entes.

Mais uma vez, o final se justifica pela fome que matava e fazia com que a rendição assumisse taxas consideráveis. O autor menciona inclusive crianças comendo cavalos e cachorros, para não morrerem. Há ainda o assassinato pelos próprios caboclos daqueles que poderiam impedir uma vitória sertaneja, como crianças, velhos e doentes. Novamente deixa a prova que a guerra já não tinha mais nada de fé, e somente obedecia a interesses particulares. E casos específicos também são mencionados para mostrar ainda o estado de insanidade em que os caboclos chegaram ao fim do conflito, como a exemplo de Gegé, um dos Pares de França, que se mata por não aguentar o sofrimento do movimento:

(...) Um pouco mais de tempo, e tudo estaria resolvido: ele seria afinal, dono de todas as respostas. Muito em breve ele poderia responder pela validade da oração que fechava o corpo, e afirmar se ela adiantava ou não. E a ressurreição prometida por São José Maria? Também para isso ele teria resposta....ou não teria. Um instante mais, apenas.

(...) O tempo não tinha mais sentido. O amanhã ainda estava distante...Passado, presente, futuro se confundiam num só momento: aquele. Gegé segurou o *patuá* com a mão esquerda. Com a direita levou o Smith & Wesson ao ouvido. As dúvidas iriam cessar agora. Puxou o gatilho. (SASSI,1964:157-158)

3.7 NARRATIVAS SOBRE AS MEMÓRIAS DO CONTESTADO

É inegável o fato de que o movimento do Contestado deixou uma memória que permanece ainda hoje entre os moradores da região onde ocorreu o conflito. E assim também que os autores dos romances encerram seus textos procurando fazer um balanço a respeito dos resultados do movimento na região.

O livro *Casa Verde* finaliza se colocando no lugar do narrador que observa o movimento, e a situação calamitosa em que ficou a região do Contestado. Além disso, a

conclusão se dá com a demonstração do apoio integral aos caboclos e, podemos dizer inclusive, de um amor pelo povo do Contestado.

Só me resta recordar com o coração vibrando uma página de luta grandiosa dos brasileiros, para os brasileiros, uma heróica resistência camponesa ao coronelismo e à ação dos trustes estrangeiros, a gloriosa guerra cabocla. Também amo a casa verde — a do telhado de estrelas, e seus habitantes, como os amaram os monges e os pelados. Sou pelado. Um dia seus moradores hão de possuir a terra.

Ó, monge João Maria de Agostinho; ó, monge José Maria — ó, revoltoso —, livrai a casa verde dos horrores da fome, da peste e da guerra (NASCIMENTO, 1962: 87)

Já Sassi termina seu romance *Geração...* mostrando a fuga e o desespero dos personagens com o fim do conflito, deixando claro que é somente isso que restou para eles. A finalização se dá como uma representação do passado sendo deixado para trás. Os personagens são metáforas de uma lembrança que, como os males, deveria ser esquecida. Na hora da morte, lembra-se de tudo que passou com o movimento:

Mané Rengo esperou que os soldados sumissem. Depois, lentamente, começou a abrir pela barranca. Progrediu aos poucos, agarrando-se às pedras e as raízes. Lá bem longe, por entre as árvores, ele viu – ou imaginou ter visto – a sua gente em fuga. Quis gritar, pedindo socorro. Palavra nenhuma saiu-lhe da boca, uma golfada de sangue abafando-lhe a voz. Mané Rengo fixou bem aqueles vultos que se afastavam: Luzia, Valentim e Tadeu. Uma família – a sua família. Estavam do outro lado, a salvo. A imagem dos três ele guardou na retina. Depois uma névoa toldou seus olhos. Não viu mais nada. Largou as ramagens e escorregou devagarinho para dentro do rio. (SASSI, 1964: 167)

O romance *O dragão...* conclui também apresentando personagens que, embora tenham conseguido se salvar, estavam sofrendo com o abandono, a fome, a tristeza. Ou seja, saíram do movimento com menos do que entraram. Apesar disso, as memórias do Contestado e aquele sofrimento deveria ser apagado da memória, e tido como um esquecimento.

Era comum nas dependências de sua bodega, ouvirem-se muitos episódios acerca da violenta campanha do Contestado.

Mas Saturnino, sobre esse tema, silenciava.

Só através de sua gaita ele se expandia, traduzindo os sentimentos que trazia ocultos da alma.

E então ele tocava, tocava, e tocava.

A sua gaita, eterna paixão.

Em cujo frontal se conservava presa uma fitinha verde, todos viam, mas sobre isso ele também silenciava, era uma exclusividade sua. (VASCONSCELLOS, 1998: 325)

Assim, os romances colocam ainda na representação do movimento do Contestado até o final a opinião de valorizar os caboclos enquanto vítimas, e demonstram a preferência por estes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a revisão bibliográfica e apresentação da análise dos romances históricos sobre o movimento do Contestado, é possível levantar algumas conclusões quanto a forma como as representações acontecem nas fontes. Primeiramente, é importante ressaltar que, apesar de guardar diferenças entre si, os romances se assemelham de muitas maneiras.

Primeiramente podemos perceber a influência do momento dos autores na concepção das obras. Os momentos que os romances são escritos coincidem com os períodos de maior produção historiográfica a respeito do Contestado. Podemos observar assim a influencia que o contexto exerce na criação dos livro, criando um incentivo para que se pense um fato em diversas áreas.

O ponto principal nas fontes, que é a visão que os autores tem a respeito do movimento, é unanimidade a preferência pelos caboclos, criticando a negligencia do governo com a região do Contestado e com o povo que ali morava. Além disso, o lugar que os caboclos ocupam em todos os livros é o de vítimas do sistema que tem seus ideais legitimados pelos diversos problemas sociais existentes naquelas terras.

Ainda quanto as construções literárias podemos perceber nos três romances uma característica em comum. Os personagens fictícios, além de assegurarem a existência de um fio condutor nas narrativas, representam o pensamento dos próprios autores. Atribuindo a estas figuras pensamentos críticos e reflexivos, os escritores deixam a mostra a sua própria opinião quanto a revolta do Contestado.

Quanto a forma como são escritos os romances, guardam entre si a fidelidade a historiografia. Deixando claro as pesquisas realizadas para a construção de suas obras, os autores buscam sempre relatar os acontecimentos como foram descritos na bibliografia consultada. Além disso, ainda quanto a estrutura dos textos há também a semelhança em inserir a história do movimento a partir de um enredo previamente construído. Este fato se justifica exatamente por tratarmos de romances que, além de serem considerados enquanto fontes históricas, cumprem primeiramente o papel de entretenimento. Ainda em relação ao fato de as fontes serem acima de tudo obras literárias, é constante nos livros a predominância das narrativas descritivas.

As semelhanças ainda são evidentes em dois aspectos principais: a importância dada ao conflito político e a representação do monge José Maria. Em relação as causas do movimento, os três autores concordam em apresentar como principal motivação para a revolta dos caboclos os problemas que a instauração do sistema republicano trouxe ao chegar ao sertão catarinense no fim do século XIX. A questão política prevalecendo perante outras motivações, talvez possa ser explicada também pelo contexto no qual os romances foram escritos, sobretudo no início da década de 1960, em que o país vivia num regime de exceção.

Já ao que toca a figura do monge, para os três autores, ele é mais um vilão que um salvador do povo. E não perdem a oportunidade de demonstrar isso a cada insinuação que fazem a seu respeito. Podemos concluir que isso se dá principalmente pela simpatia que os autores demonstram em relação ao povo do Contestado, encarando o monge como alguém que somente trouxe malefícios aos caboclos.

Entretanto, com a análise dos romances, podemos ver que além da grande semelhança que as fontes guardam entre si quanto a representação do movimento, há diferenças entre os autores. Isso acontece principalmente no que se refere as batalhas. Como o conceito de Chartier propõe a respeito da representação, nos romances somente o que é mais significativo para cada autor é representado. Noel Nascimento, paranaense, valoriza a fé dos caboclos e suas orações fervorosas, exaltando a religiosidade. Já os autores catarinenses, por sua vez, dão ênfase aos momentos de combate em si e às táticas, valorizando o aspecto guerreiro do sertanejo.

Sendo assim, esta pesquisa teve como intenção contribuir para o estudo do movimento do Contestado, e justifica-se pela ausência dos trabalhos dentro da área da História tendo como fonte os romances históricos, visto que é grande o número destas publicações.

Além disso, é ainda importante destacar que o movimento do Contestado não é um assunto encerrado. A cada dia são realizados novos estudos a respeito da revolta. O ano de 2012 principalmente marca estas realizações, principalmente no que se refere a apresentações e simpósios, pois marca o centenário do início do movimento do Contestado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, Pedro. Império e Cavalaria na Guerra do Contestado. In: **ILHA** - Florianópolis, v.4, n.2, dezembro de 2002, p. 25-49. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/15119/15569>>, consultado em Junho de 2012.
- CABRAL, Oswaldo R. **João Maria: interpretação da Campanha do Contestado**. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1960.
- CARVALHO, Fernando Setembrino de. **Relatório apresentado ao General de Divisão José Caetano de Faria, Ministro da Guerra**. Rio de Janeiro. Imprensa Militar, 1916.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro; Lisboa: Bertrand - Brasil: DIFEL, 1990
- DALFRE, Liz Andrea. **Outras narrativas da nacionalidade: o movimento do Contestado**. Curitiba, 2004. 156 f. Dissertação (Mestrado- História) Curso Pós Graduação – Universidade Federal do Paraná.
- D'ASSUMPÇÃO, Herculano Teixeira. **A campanha do contestado: as operações da columna do sul**. Bello Horizonte: Imprensa Oficial, 1917
- ESPIG, Márcia Janete. **A presença da gesta carolíngia no movimento do Contestado**. Porto Alegre-RS: Editora da ULBRA, 2002.
- _____. Breve estudo sobre o movimento do contestado: a historiografia militar e o caso dos operários da EFSPRG. **Revista Anos 90**, Vol. 14, n. 25, 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/5407/3064>>, acesso em 10 de Maio de 2012.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- GALLO, Ivone Cecília D'Avilla. **O Contestado: o sonho do milênio igualitário**. São Paulo: Ed. Da Unicamp, 1999
- LAZARIN, Katiúscia Maria. Lendo o Contestado: discurso e construção de sujeitos na bibliografia sobre a Guerra do Contestado - 1915 a 1960. In: **Revista Esboço**, v.11, n. 12, 2004. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/445>>, consultado em Junho de 2012.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas (SP): Unicamp, 2004.

MELLO, Marco Antônio da Silva e VOGEL, Arno. Monarquia contra a República – A ideologia da terra e o paradigma do milênio na “guerra santa” do Contestado. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 2, nº 4, 1989, p. 190 – 213.

MENEZES, Celso Viana Bezerra de. Reconstrução histórica e imaginária da guerra do Contestado: uma batalha entre acontecimentos e significados. In: **Revista Mediações**, Londrina, v. 7, n. 1, p. 9 – 27, jan/jun 2002. Disponível em: <
<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/viewFile/9106/7665>>, consultado em Junho de 2012.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. **Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do contestado**. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

PEIXOTO, Demerval. **Campanha do Contestado**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. **História e história cultural**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **La "Guerre Sainte" au Bresil: le mouvement messianique du "Contestado"**. São Paulo: USP/FFCL, 1957.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912 –1916)**. 3ª edição. São Paulo: Ed. Ática, 1981.

SALOMÃO, Eduardo R. O EXÉRCITO ENCANTADO DE SÃO SEBASTIÃO: as evidências da reelaboração da crença sebastianista na Guerra do Contestado (1912-1916) **Revista História em reflexão**, V.3, n.5, UFGD – Dourados/ MG Jan/Jul 2009. Disponível em
<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/viewArticle/209>, consultado em Junho de 2012.

THIRY-CHERQUES, Hermano R. Max Weber: o processo de racionalização e o desencantamento do trabalho nas organizações contemporâneas. In: **RAP** — Rio de Janeiro 43(4):897-918, JUL./AGO. 2009. Disponível em <
<http://www.scielo.br/pdf/rap/v43n4/v43n4a07.pdf>>, consultado em Junho de 2012.

THOMÉ, Nilson. O Contestado na historiografia e na literatura. In **ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS. Col. ACL** n. 30. p. 38-53. Florianópolis: ACL, 2008, 158 p

_____. **Sangue, suor e lágrimas no chão do Contestado** Caçador: INCON Edições/ UnC, 1992.

_____. **Os iluminados: personagens e manifestações místicas e messiânicas no Contestado**. Florianópolis: Insular, 1999.

TONON, Eloy. **Os monges do Contestado – permanências, predições e rituais no imaginário**. União da Vitória: Editora Kaygangue, 2010.

WEINHARDT, Marilene. **Mesmos crimes, outros discursos? Algumas narrativas sobre o Contestado**. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.